

Diário de Lisboa

Número avulso: 30 CENTAVOS

Administrador e editor

MANZONI DE SEQUEIRA

ADMINISTRAÇÃO — Rua da Rosa, 57, 2.º

Endereço Telegráfico: DIBOA

DIRECTOR

JOAQUIM MANZO

Propriedade da RENASCENÇA GRAFICA

Redacção, composição e impressão

RUA LUZ SORIANO, 48

TELEFONES — 2 0271, 2 0272 e 2 0273

Endereço telegráfico: DIBOA

ESTE NUMERO FOI VISADO PELA COMISSAO DE CENSURA

A CAMARA Municipal de Paris vai contrair um novo empréstimo de 750 milhões, ao juro de 5 e meio, em prestimo que pôde considerar-se coberto, logo na abertura da subscrição. Este empréstimo destina-se a obras urgentes e sobretudo á construção de hospitais e escolas municipais.

A cidade eterna nunca deixou de viver, municipalmente, em regime de empréstimos. E' já um axioma, citado dezenas de vezes por municípios de França e do estrangeiro, que o progresso de Paris tem por base o credito de que goza a sua edilidade, sejam quais forem os homens e os partidos instalados no Hôtel de Ville.

Mal um empréstimo se considera em amortização, outro surge, em segurança absoluta e constituindo uma valvula de descarga para o dinheiro particular inactivo ou assustado, ao mesmo tempo que satisfaz este principio do principal município de França: "anda para diante sempre, e em primeiro lugar, com dinheiro proprio, se te fôr possível, mas anda para diante," — derivante de um famoso axioma inglês.

A amortização, por lotes anuais, estará concluída dentro de 52 anos, o máximo.

* * *

O PROFESSOR D. Miguel de Unamuno escreve em *Ahora* um artigo, de profundo sentido critico e equilibradissima visão historica, "Sobre la catolicidad". E' desse artigo o periodo que transcrevemos:

"Esse hoje tão caluniado como mal conhecido liberalismo, esse, que é exprobado com "tendenciosa superficialidade", por alguns dos senhoritos intellectuais neo-catholicos — tradutores em parte dos camelos, dos "camelots", da Acção França, dirigida por um pagão e ateu — esse, sim, foi no vigor etimologico da expressão, catolico. Entre os nossos catholicos liberaes — e liberaes catholicos — é que se deve ir procurar a catholicidade espanhola, ou, se quizerem, a espanholidade catolica."

* * *

POR ter sido truncado, reproduzimos a seguir, já completo, um trecho do nosso artigo de ontem acerca do tratado de comercio franco-português:

"A "lei-cadeado", francesa só pode ser revogada pelo Parlamento. O governo, só por si, não pode assinar tratados de comercio. Ora, no proximo sabado, começam as ferias parlamentares em França, cuja duração é impossivel prever, e, assim, só depois de reabrir o Parlamento é que o acôrdo pode ser assinado e entrar integralmente em vigor.

"As duas delegações devem, oportunamente, receber as necessarias instruções para negociar a execução parcial do acôrdo."

* * *

SEGUNDO se lê nos jornais brasileiros, os quadros de aviação aumentam de numero. No mês passado inscreveram-se mais de trezentos candidatos a aviadores militares. A's provas iniciais assistiram as altas patentes da aviação, e crê-se que, pelo menos, metade dos novos aviadores inscritos chegarão ao fim dos seus cursos de pilotagem e de navegação aérea.

FRANÇA E PORTUGAL

AS NEGOCIAÇÕES

para o acôrdo comercial

Ha, entre nós, quem se mostre afflito com as delongas das negociações, a proposito do acôrdo comercial com a França. Convém ser paciente. O assunto é delicadissimo e não se resolve em vinte e quatro horas. O nosso plenipotenciario, o sr. dr. Veiga Simões, é um diplomata experimentadissimo e um negociador vigilante e prudente. A nossa delegação está á altura das suas responsabilidades. O sr. ministro dos Estrangeiros, que ontem regressou da sua viagem e cuja passagem por Paris alcançou o maior exito, declarou aos jornalistas o seguinte:

— A delegação portuguesa tem trabalhado intensamente nos ultimos três meses e as negociações estão bem encaminhadas.

Ninguém tem mais autoridade que Sua Ex.ª para assim falar. Entre as muitas causas de demora no andamento das negociações podem apresentar-se estas:

1) — A missão portuguesa deixou Lisboa no proprio momento em que o ministerio Sarraut pedia a demissão. Encontra, portanto, ao iniciar os trabalhos, nas varias pastas por onde corria a negociação — comercio, marinha mercante, colonias — gente inteiramente nova, que teve de se pôr ao corrente dos problemas.

2) — A maioria que apoiava o governo Chautemps era instavel; portanto os ministros tinham de ir negociar com as proprias comissões parlamentares as menores concessões a atribuir a Portugal; tanto mais que

3) — Por essa epoca, a Italia rompia as negociações comerciais com a França, entrando num caminho de represalias, o mesmo fazendo, dias depois, a Alemanha. E a Inglaterra declarou á França condições *sine qua non* para as negociações a revogação de certos decretos tidos como base da sua politica comercial, como o da sobretaxa de 15 por cento para differencial de cambio.

4) — Quasi ao mesmo tempo, surgia o caso Stavisky, absorvendo as atenções do governo, entregando-lhe uma maioria incerta e flutuante, enchendo os ministros de receio pela menor concessão, e até afastando os deputados representantes dos circulos mais interessados no reatamento das relações com Portugal de se continuarem interessando pela resolução do acôrdo.

5) — A 1 de janeiro, a França punha em vigor a sua nova politica comercial de contingentes, que consistia e consiste em entregar apenas a cada país 25 por cento do contingente de 1932, os restantes 75 por cento devendo ser só concedidos em contra-partida de favores, com a mira de ter menos deficitaria a sua balança comercial. A Inglaterra rompe com a França, e exige como condição prévia para o reatamento das negociações a revogação pura e simples desse principio. A França, não obstante o seu empréstimo de cobertura do deficit, de 2 milhões e meio, haver sido colocado em

Londres contra favores a conceder aos artigos ingleses — resiste — o que levou a Inglaterra a iniciar a sua guerra de represalias contra a França.

6) — Entretanto, estando já virtualmente terminadas as negociações, pela vitoria alcançada em Conselho de ministros, do ministro do Comercio sobre o da Agricultura, que se opunha ás mais importantes concessões feitas por aquele a Portugal, cai o governo Chautemps. O governo Daladier dura pouco mais duma semana. O governo Doumergue acaba apenas de se instalar. As negociações, durante 2 meses e meio, fazem-se, pois, com 4 governos.

7) — A hora actual, Portugal é o unico país que consegue ter quasi terminado o seu acôrdo comercial com a França. A Italia, que começou a negociar em julho, está em regime de represalias com a França. A Espanha, que começou a negociar em 4 de outubro, já varias vezes interrompeu as negociações. A Alemanha, que se iniciou em fins de outubro, rompeu-as e está também em represalias com a França. Assim a Inglaterra, assim o Brasil, assim a Polonia... Portugal é o que está proximo dum fim. E dum fim que, longe de diminuir as suas posições no mercado francês, as consolida, melhora e aumenta. Portugal vai ser decerto — e sem cometer indiscrições diplomaticas — a quem não serão applicadas as duras regras da politica comercial francesa, que provocaram as represalias da Inglaterra, da Italia e da Alemanha, e que tem impedido o fecho das negociações com a Espanha.

Isto, sendo embora o ultimo destes países o primeiro a iniciar as suas negociações com a França.

Têm elas demorado? Lembremo-nos apenas que — embora realizadas em tempos bem mais calmos da politica interna francesa e em época em que a politica comercial francesa estava muito longe do nacionalismo delirante que hoje a domina, com novas formulas duma violencia ainda até agora não, conhecidas — o *avenant* ao "modus-vivendi" entre Portugal e a França, assinado a 7 de julho de 1932, começou a ser negociado a 2 de janeiro de 1930, isto é, no dia seguinte ao da publicação da famosa lei francesa que impedia a lida dos nossos vinhos com os vinhos nacionais.

E nem por isso esse *avenant* entrou em plena execução; visto que o governo português se viu forçado a denunciá-lo em malo ultimo por falta de inteiro cumprimento por parte da França. Acrescente-se que no regime de luta politica permanente em que temvivido a França de há três meses para cá, nem todos os ministros têm o mesmo desejo, ou o mesmo interesse em atribuir a Portugal determinadas concessões. E ver-se-á o que haja sido, nesse terreno movedido e incerto, o trabalho exaustivo do plenipotenciario português para lograr que as posições portuguesas não sejam nunca diminuidas — bem ao contrario.

NAS suas reportagens impressivas de Espanha, e que publica o *Paris-Soir*, o sr. Raymond Recouly tem uma observação curiosa que vale a pena transcrever:

"Nas corridas de toiros, na primavera e no verão, em regra sob um calor ardente, em faltando o sol falta três quartas partes da beleza do espectáculo. Ha os lugares de *sombra*, os mais apetecidos, os lugares de *sol*, os mais baratos, e ainda os lugares de *sombra-sol*, nos quais os espectadores gozam metade do espectáculo com sol e outra metade sem ele.

"Pois para bem julgar a Espanha é numa posição intermediaria do genero que convém ao observador instalar-se."

E já agora, uma anecdota. O jornalista perguntou ao velho conde de Romanones:

— Como vai a nossa Republica?

— Como diabo quiere você que ela vá, num país onde ha monarchicos e anarquistas, catholicos e ateus, comunistas e sindicalistas, mas quasi nenhum republicano?

* * *

COMO é sabido, o Gremio Literario, para se manter dentro da sua tradição, iniciou ha tempos uma serie de conferencias que têm sido brilhantes. Basta citar o nome dos conferencistas — almirante Gago Coutinho, dr. Antonio Osorio e dr. João Saraiva.

Amanhã o sr. dr. Hipolito Raposo, escritor illustre, mestre da lingua e professor notavel, versará o seguinte tema — "Força e Beleza".

Escusamos de encarecer o seu trabalho, embora não cometamos exagero afirmando que as salas do Gremio serão pequenas para conter os amigos e admiradores desejosos de ouvir a sua palavra elegante e culta.

* * *

NOS estabelecimentos de ensino dependentes do ministerio da Guerra vão realizar-se conferencias sobre o Estado Novo, organização corporativa e propaganda anti-comunista.

A primeira destas conferencias realizar-se-á amanhã, pelas 14 horas, no Instituto Profissional dos Pupilos do Exercicio, sendo conferente o professor deste estabelecimento sr. capitão Manuel Marques Abrantes Junior e devendo assistir os srs. ministro da Guerra e subsecretario de Estado das Corporações.

* * *

NOSSO camarada de jornalismo sr. José de Freitas iniciou-se nas lides das letras com uma novela, "Regresso", esta semana apparecida nas livrarias. Ainda dentro da forma romantica, mas servido por um sentido claro da literatura moderna, de intenções generosas e trabalhado com cuidado literario, o primeiro livro do sr. José de Freitas abre ás suas indiscutíveis qualidades um futuro esperançoso.

* * *

ACOMPANHADO de sua esposa partiu hoje para Madrid o nosso querido amigo sr. Alfredo Vieira Pinto.

TEATROS E CINEMAS

Recital de dança

E' amanhã, ás 17 horas, conforme noticiámos, que se realiza no teatro Nacional o recital de dança promovido pela grande artista alemã Ruth Aswin, com o amável concurso de Maria Lalande, Isabel Maria, Noémia Barral, Maria Helena Miranda, Esmeralda, Maria Helena Ramos Jorge e dos bailarinos portugueses Albert e Martinho Sereiro.

Trata-se dum espectáculo excepcional, que não voltará a repetir-se, e em que a exímia bailarina nos vai apresentar algumas das suas mais notáveis criações artísticas, segundo as modernas escolas de dança.

Ruth Aswin entregará parte do produto da sua festa a uma comissão constituída pelas senhoras D. Helena Mauperrin Ferrão, D. Ana Mayer de Carvalho, D. Maria Vanzeller e D. Joana Folque de Azevedo Souto, a fim de ser distribuída pelo Preventório de Colares, pelas Casas de Protecção de Santo Antonio e pelas escolas católicas da freguesia da Lapa.

Do programa fazem parte o delicioso minuet de Bocharini, o «Nocturno», de Chopin; a «Valsa Triste», de Sibelius; a «Valsa n.º 15», de Brahms; a «Dança rítmica», de Chopin; «A morte de Aase», de Grieg, além de outras obras de Moscovsky, Bach, Rachmaninoff, Blauw, etc., e terminará por uma lição de ginástica de M.^{me} Ruth Aswin, em que se apresenta todo o conjunto.

Trata-se, na verdade, dum autentico espectáculo de arte, que está destinado a alcançar grande êxito e que ninguém deve deixar de ver, não só pela excelência do programa como pela magnífica interpretação que M.^{me} Ruth Aswin e as suas discípulas irão imprimir.

Uma peça bem moderna

A critica parisiense foi unanime em elogiar as qualidades da peça de Jacques Deval, «Mademoiselle», que na proxima quarta-feira sobe á cena no teatro Nacional, em festa artistica do actor Robles Monteiro.

O entreecho prende o espectador da primeira á ultima cena, interessando-o vivamente pelo desenvolver da acção, que vai crescendo de intensidade, a ponto de empolgar o publico no desfecho inesperado do caso dramático que a peça apresenta.

Palmira Bastos encarregou-se do papel da protagonista e Amelia Rey Colaço, do segundo papel feminino, o que constitui a garantia dum desempenho brilhante, que vai despertar sensação, dadas as características dos dois papeis que as illustres artistas interpretam.

Maria Clementina e Robles Monteiro desempenham dois dos papeis de maior responsabilidade da peça. Completam o con-

junto, em papeis importantes e dum recorte sugestivo, Raul de Carvalho, José Gamboa e João Villaret, além de Maria Lalande, Maria Brandão e Maria Isabel.

A tradução é do nosso camarada de redacção dr. Norberto Lopes.

«Vista Alegre»

E' definitivamente amanhã que se estreia a companhia Eva Stachino no teatro Maria Vitoria, com a revista «Vista Alegre» completamente remodelada.

Além da distinta vedeta que tem vincado bem as suas qualidades, tomam parte no desempenho Ema de Oliveira, Maria Salomé, Maria Albertina, Lidia Ferrão, etc., e, entre os homens, Manuel Santos Carvalho, Alberto Ghira, Silvestre Alegrim, Joaquim Prata, Francisco Costa, Jorge Grave e Miguel Orrico, e os bailarinos «Trio Gedisman».

Atrás do reposteiro

—Estreou-se hontem, com grande êxito, no Carlos Alberto do Porto, pela companhia do Politeama, a comedia «Uma para 3», tradução de Felix Bermudes.

—Beatriz Costa vai realizar no Funchal os seguintes numeros: «O Burrié», «O Cochincho», «O Saloio da Malveira», «O Impedido», «A menina histérica», «Uma porta e uma janela», «A mulher que passa», «Nunca mais», «O Arraial» e «A Valsa», da «Canção de Lisboa».

—A companhia Maria das Neves vai realizar, no Teatro Circo de Braga, um espectáculo com a revista «Arraial», depois do que fará a estreia, no Sá da Bandeira do Porto, de opereta «As Lavadeiras».

—A companhia do actor português Antonio Palma, que trabalhou no Carlos Gomes, do Rio de Janeiro, até ao Carnaval, está presentemente a trabalhar em S. Paulo.

—O ilusionista Fu-Manchu, depois da sua temporada no Colizeu, vai realizar uma serie de espectáculos no Sá da Bandeira do Porto.

—Foi retirada de ensaios uma peça por não se ter chegado a acôrdo para a sua representação entre a empresa do teatro e os representantes do autor.

—Os cronistas mundanos Carlos de Vasconcelos e Sá e Mota Marques realizam a sua festa, ao dia 2 do proximo mês, no Politeama, com a comedia de João Bastos, «Pé de Cabra».

—Partiu hoje para Madrid o empresario es-

panhol Francisco Molina.

—O cenário da comedia «O homem dos sete officios», que brevemente se estreia no Avenida, é de autoria do cenógrafo José Mergulhão, a encenação da actriz Maria Matos e os arranjos de cena do actor Samuel Diniz.

—Alguns dos fados da revista «Maria Cachucha», em ensaios no Apolo, vão ser cantados pela actriz cantora Emilia Candeias, que reaparece nesta peça.

—Foi ontem operado pelo sr. dr. Bernardo

Vilar o actor Gil Ferreira, director da companhia do teatro do Gimnasio. A operação decorreu com muita felicidade. Por este motivo, a farsa musicada «Chalet das Aflições», de que Gil Ferreira é principal interprete e encenador, só subirá á cena na proxima quarta-feira, 14.

—Caracterizados pela maior variedade e extraordinaria riqueza, repetem-se todas as noites no Coliseu as exhibições do grande ilusionista Fu-Manchu, cujos trabalhos constituem enigmáticos problemas de alta magia.

—Entre os artistas da companhia Eva Stachino, distingue-se o jovem actor Francisco Costa, que dia a dia vem afirmando o seu valor, revelando agora novas qualidades como encenador dos numeros da revista «Vista Alegre».

CARTAZ

TEATROS

Nacional—A's 21 e 30—«A Serpente».
Trindade—A's 20 e 45 e ás 22 e 45—«Porto á vista».
Avenida—A's 21 e 30—«O Tavares Rico».
Coliseu—A's 21 e 30—Fu-Manchu e a Revista dos Misterios.

CINEMAS

São Luiz—A's 21 e 30.
Politeama—A's 21 e 15.
Tivoli—A's 21 e 30.
Condes—A's 21.
Palacio—A's 21 e 15.
Odéon—A's 21 e 15.
Chiado Terrace—A's 21 e 30.
Royal-Cine—A's 21.
Capitolio—A's 21—Cinema.
Olimpia—Das 14 e 45 ás 24.
Belgica—R. da Beneficencia-Doming. 2.^a, 5.^a
Salão Ideal—Das 18 ás 24.
Eden-Cinema—R. do Alvitto, a Alcantara.
Paris-Cinema—R. Domingos Sequeira.
Promotora—L. 20 de Abril, ao Calvario.

FERNANDE

CHAPÉUS MODELOS

66, 1.º, RUA DO MUNDO

APRESENTA a partir de hoje a sua coleção de verão com modelos das melhores casas parisienses.

Café Restaurant-TAVARES

Serviços de banquetes, lanches para casamentos e soirées para 100 de esc. 2000 a 5000.
Pequenas e grandes salas reservadas no 1.º andar.

Quer a sorte grande?
Habilite-se na tabacaria MADRID
Rua do Mundo, 115



«Espantoso!
sahiu-me o
calo!»

Um banho oxigenado com Saltratos Rodol amacia os calos a tal ponto que até se podem tirar pela raiz, desaparecendo para sempre, sem dor nem perigo. Dos Saltratos Rodol, que produzem um banho leitoso, emana oxigénio que elimina os calos, sara as escoriações e reduz a inchação a ponto tal que se pode até usar um calçado mais justo. Os Saltratos Rodol vendem-se com garantia nas farmácias e drogarias por um preço insignificante.

GRATIS—Em virtude dum accordo especial, qualquer leitor deste jornal pode agora obter gratuitamente uma apreciável porção de Saltratos Rodol juntamente com um valioso livro illustrado com instruções para as suas várias applicações, escrito pelo eminente especialista Dr. Catrin. Escreva hoje mesmo a Jules Deligant, Lda—Serviço 19-B Rua da Assunção, 88—LISBOA—Não mande dinheiro.

Supremo Tribunal de Justiça

Na ultima sessão foram julgados os seguintes processos:

Recurso crime:—23970—Relator o conselheiro Amaral Pereira. Autos crimes vindos da Relação de Luanda. Recorrente: João Baptista Ferreira. Recorrido: Ministerio Publico.—NEGADO.

Revistas cíveis:—48069—Relator o conselheiro Arez. Autos cíveis vindos da Relação do Porto. Recorrente: Josefina Dias da Purificação e outro. Recorridos: Antonio Gomes da Costa e outros.—NEGADO.

48216—Relator o conselheiro Arez. Autos cíveis vindos da Relação de Lisboa. Recorrente: Maria do Carmo Gill Ojeda ou Maria do Carmo Sintra da Cunha Monteiro. Recorrido: Curador Geral dos Orfãos.—PROVIDO.

48288—Relator o conselheiro J. Soares. Autos cíveis vindos da Relação de Coimbra. Recorrentes: Amelia de Jesus e seu marido. Recorrida: Herminia Augusta Monteiro.—NEGADO.

48156—Relator o conselheiro A. Campos. Autos cíveis vindos da Relação do Porto. 1.º recorrente: Hermann Burmester, 2.º recorrente: O Estado.—ADIADO.

48151—Relator o conselheiro Amaral Pereira. Autos cíveis vindos da Relação do Porto. Recorrentes: José Pinto Felix Junior e outros. Recorridos: Afonso Pinto Felix e outros.—ADIADO.

48182—Relator o conselheiro Fonces de Carvalho. Autos cíveis vindos da Relação do Porto. Recorrente: Companhia do Congo Português. Recorridos: João Manuel Fernandes, sua mulher e outros.—CONCEDIDO.

Agravos cíveis:—48336—Relator o conselheiro Amaral Pereira. Autos cíveis de agravo vindos da Relação de Lisboa. Agravantes: Manuel Valente Serrano e sua mulher. Agravado: Manuel Antonio Monteiro Filipe.—NEGADO.

48406—Relator o conselheiro Amaral Pereira. Autos cíveis de agravo vindos da Relação do Porto. Agravante: Antonio Pereira da Rocha Paranhos. Agravado: José Pereira da Rocha Paranhos.—NEGADO.

Supremo Tribunal Militar

O Supremo Tribunal Militar, na sua ultima reunião, confirmou as sentenças applicadas, na primeira instancia, a Diogo Ferreira, segundo sargento da Companhia de Reformados, por abuso de autoridade e insubordinação; e aos soldados Antonio dos Santos, da Escola Pratica de Infantaria, por insubordinação; Manuel Mendes, do Regimento de Cavalaria 8, por deserção, e Alfredo de Carvalho, do Regimento de Infantaria 11.

—Na mesma audiencia, foi anulada a sentença referente ao 1.º cabo Samuel Pinto de Azevedo, de Infantaria 18, que a primeira instancia condemnou, em prisão correccional, pelos delictos de furto e danos.

ESTORIL

Lindo tecido de lã, a jorgetado, criado pelos franceses em homenagem a esta nossa linda praia

Em preto, marinho e branco

EXCLUSIVO DOS

ARMAZENS AZEVEDO L.^a

Rua dos Fanqueiros, 226-232

TELEGRAMA

EVA STACHINO

TEATRO MARIA VITORIA LISBOA

MADRID, 9.

TANTO GUSTO, TOMAR PARTE REVISTA VISTA ALEGRE, SEGUIMOS HOY. TRIO GEDISMAN

Em virtude de não chegar a tempo o TRIO GEDISMAN, bailarinos de celebridade mundial, só amanhã, sabado, 10, pode ter lugar a estreia da revista

VISTA ALEGRE

que subirá á cena completamente remodelada e adaptada ao popular

TEATRO MARIA VITORIA

Ultimas noites no

AVENIDA de O Tavares Rico

Brevemente: A comedia em 3 actos

O Homem dos Sete Officios

A 3.ª peça da temporada de Maria Matos

Porto á Vista

A GRANDE REVISTA DO TEATRO DA

TRINDADE

Todas as noites — A's 8,45 e 10,45 horas

Estupendo exito da Comp. Luisa Sotomaior

Domingo — 2.ª matiné — A's 3 1/2 horas

PAGINA SEMANAL DE

CINEMA

CINEMA PORTUGUEZ

A PROPOSITO

de três cartas que nos foram dirigidas

Diariamente, o correio da tarde traz-nos algumas cartas tratando de cinema. Mesmo que não tenham interesse, lêmo-las todas de princípio ao fim com atenção, até mesmo com paciência. Entre as cartas que, ultimamente, temos recebido, três merecem uma resposta publica e concreta. Todas batem o mesmo ponto, que se pode assim concretizar: o que faz a Tobis? Um deles pergunta, mesmo, deixando transparecer um nadinha de ironia: a Tobis já morreu?

Ha dois «casos», nestas perguntas, a considerar. O interesse vivo, legítimo, dos que simpatizam — mas duvidam e a maldade dos que desejam, com todas as veras da sua negra alma, catastrofes irreparáveis. Excessos de imaginação, que não fazem mal ao mundo. Uns e outros anónimos, mas sempre benvidos correspondentes, fingem esquecer que a «Canção de Lisboa» é ainda recente. Está em plena actualidade, como se prova pela reprise do filme no Condes. E, caso curioso, a empresa daquela sala, confiou tanto no seu éxito, de resto confirmado, que se tem limitado modestamente a anunciar-lo sem fazer valer os seus títulos.

O que se passa na Tobis? Vamos já dizê-lo, mas antes, em rápidas palavras, façamos um pouco de historia. O cinema em Portugal tem vivido aos baldões. De acasos, de aventuras, algumas, vamos lá com Deus, de grosso calibre. Houve uma certa altura em que o nosso cinema era um pessimo cartaz. O publico não acreditava nele, porque ele proprio se desacreditava.

Razões? Duas entre tantas: a improvisação e a falta de dinheiro. Por mais voltas que deem ao problema a verdade é esta: sem boas organizações, competentes sob o ponto de vista tecnico e financeiro, não pode haver cinema em Portugal. Podem existir apenas casos fortuitos. Quando um filme não surge tendo «atrás de si e dentro de si», uma organização — nada representa de util para o cinema nacional, porque não estabelece continuidade.

Compreenderam?

Ultimamente tem-se falado muito em «organização como as lá de fora», método, disciplina, orçamentos possíveis para o mercado, mas realidades praticas, solidas de substancia e de inspiração, nem uma. Constroem-se na areia lindos projectos, um pouco audaciosos vamos, mas, pelo «não visto», não passam de falazes miragens. Ora a Tobis, no meio de tudo isto — problema que tem a sua acuidade — constitui uma excepção. Quis reabilitar o cinema português das suas pessimas tradições de desorganização e orçamentos devoradores, e conseguiu-o plenamente, brilhantemente. Não caiu exausta no caminho. Realizou e projectou o seu primeiro filme em pouco mais de seis meses, sem uma deficiência, nem uma habilidade. Com simplicidade conseguiu ser o tão decantado «caso á estrangeira», isto é, modelo de organização, apresentando um filme que custou aquilo que é possível custar um filme em Portugal, tendo ao mesmo tempo a visão intelligente de se dirigir a um publico — o mais numeroso e, portanto, o mais comercial.

A Tobis, organização nova, patriótica, surgida na hora propria e sabendo o que quer, porque conhece o publico, fez o milagre em Portugal de produzir um filme, em absolutas condições de seriedade e de defesa comercial. Não foi para a realização da «Canção de Lisboa» às cegas, contando com os imprisíveis do acaso. Também não olhou para as estrelas á espera que elas se convertessem em ouro. Tudo quanto se fez estava previsto, estudado e justificado. Planos e algarismos. O dinheiro necessario es-

tava de reserva e a organização excellentemente montada. Quando a «Canção de Lisboa» se estreou, naquela noite memoravel de novembro, a primeira parte do programa tinha-se cumprido religiosamente.

A segunda era recuperar o dinheiro que o filme custara. Três meses depois da sua exhibição, esta parte cumpria-se também. E agora todos os lucros que o filme está dando tem uma aplicação séria, nobre, digamos mesmo, desinteressada, visto que se trata duma obra nacional. Esses lucros são integralmente empregados no estudo grande da Tobis, que está por concluir, em material electrico que ainda falta, e na aquisição de diversos elementos de trabalho.

Depois desta leal e concreta explicação, como se justifica que se acuse a Tobis, de não produzir com a rapidez que certos caprichosos exigem? O que se fez, o que está na Quinta das Conchas, custou milhares de contos, realizados pela economia particular. Ha já um filme e um estudio. Nem devaneios, nem nomadismos. Na Tobis não ha mentira, não ha «golpes», não ha promessas absurdas, não ha planos tenebrosos, nem fitas paradas a meio, sem dinheiro para as despesas passadas e futuras. A Tobis prefere que os seus entusiastas andem assustados e que os seus inimigos barafustem á vontade, a repetir as façanhas desgraçadas do tal cinema português, feito á sorte, contando com milagres que não ha — e especulando com a ingenuidade do publico.

Não se precipita! Antes de fazer o seu primeiro filme levou alguns meses. Mas fê-lo em absolutas condições de éxito, como os factos demonstram.

O mesmo sucede com o segundo, que ela está preparando honesta e tranquilamente, não se lançando em aventuras, que seriam a negação do caracter e da intelligencia dos seus dirigentes. Convençam-se que as semanas não passam inutilmente, e convençam-se também que a Tobis não faz «fitas» — faz filmes, o que é diferente!

A morte de Raspoutine

no cinema, na vida e no tribunal de Londres



Acaba de julgar-se agora em Londres, num ambiente intensamente dramático, um processo movido pela princeza russa Youssouppoff, contra a Metro Goldwin por esta a ter desfavoravelmente apresentado no celebre filme «Raspoutine». A princeza ganhou a causa, tendo-lhe o tribunal atribuido uma indemnização de 25 mil libras, que a firma americana prontamente pagou. O processo teve uma repercussão mundial. Youssouppoff, ao defender sua mulher, relatou ao tribunal, as tragicas circunstancias em que matou essa atriz e enigmatica personagem que foi Raspoutine.

Um santo? Um monstro? Um debochado? Tudo ao mesmo tempo num amplexo terrível.

A sua acção na corte do tsar foi sinistra. Sem Raspoutine, o bolchevismo nunca teria empolgado a Russia. Nicolau II, que era uma alma simples, deixou-se dominar, completamente, pelo terrível monge. A im-

peratriz, também. Como ele conseguisse, por vezes, estancar as hemorragias do pequeno tsarvitch, que padecia de hemofilia, todos acreditaram que se tratava dum santo. Mas o monstro tinha muitas facetas. Por detrás do seu falso ou verdadeiro misticismo, a satiriasse espreita. Ha no filme uma cena em que ele afaga uma das filhas do imperador, que é diabolica. Rapidamente a Russia governada por esse homem, que inspira a corte, resvala na ruína, na derrota, e na revolução. E' então, que o principe Youssouppoff, com alguns dos seus amigos, resolve matar o tragico monge. Atrai-o a sua casa, mas sua mulher não está. Senta-o á sua mesa. A comida está envenenada. Raspoutine come, mas não sente os efeitos do toxico. Conversa. Fuma. Os seus olhos, dum clarão tragico parecem sorrir da inquietação e do espanto do principe. São uns olhos de fogo, que fascinam e magnetizam.

O principe começa a sentir a sua influencia. Sente-se perdido. Reage. Dá-lhe vinho, com uma dose maciça de veneno. Então, o monstro queixa-se de que tem as entranhas a arder. Youssouppoff dispara-lhe um tiro. Raspoutine cai no solo. O corpo é transportado para fóra da casa. O monge porém, levanta-se, pretendendo matar, o seu agressor. As suas mãos, como garras, enclavam-se no pescoço do adversario. E' increditavel a sua resistencia. Parece que tem pacto com o diabo. Um ser sobrehumano? Seja como for, tudo nele é estranho.

Parece que domina a morte. A certa altura os amigos do principe intervem. O monge foge, mas o seu caminho é interceptado por dezenas de balas que, finalmente, abatem a fera.

Eis o que Youssouppoff contou no tribunal. O filme é estupendo — chega á angustia — esmaga pela verdade do seu terror. Começa em Moscovo, em 1913 e termina com a execução da familia imperial. Diz a critica estrangeira que ha cenas verdadeiramente insuportáveis á visão. Multidões famintas, execuções, orgias monstruosas etc. Os três Barrymores, em competencia artistica, galvanizaram a obra duma delirante humanidade. Escusado será dizer que o filme, denso e sobrio, é uma reportagem de factos, e daí o processo que foi julgado em Londres.

Vai reaparecer Jean Murat

Ninguém sabe como é a realização cinematografica dessa maravilha de romanesco que é a «Castelã do Libano».

Mas facilmente se adivinha, se visualiza, relembrando as paginas do romance celebre, tão grandiosas são

nele as almas e fortes, da crueldade do sol, em peza delos de luz, as paisagens dessa Africa portentosa e terrível. Mas ha um nome que destroi todas as nossas perguntas, o nome harmonioso, eloquente, elegante desse galá requintado, de sorriso fascinante,

que é Jean Murat. Este Jean Murat é a coqueluche das platéias. Lisboa adora-o. Quando esteve entre nós manifestaram-se tantas admirações que o artista teve de se desfazer em «souvenirs». Nós também gostamos dele. E' como nosso irmão, um irmão alegre, simpático, frívolo, eternamente jovem e belo. Já viram como ele representa? Nunca ninguém viu! Entra no écran, com se estivesse na nossa casa, fosse da nossa intimidade, sem esforço, naturalmente distinto, fútil de maneiras, conversando, improvisando e fumando o seu cigarro, sentado numa cadeira que lhe pertence por direito e tradição.

Gosta-se de Jean Murat — porque sim.

Sem explicações psicologicas, difíceis. E' um monstro de alegria, de galantaria, de optimismo. Não é odioso como os galãs que pouzam. Nem romantico, de tons cavos e atitudes fatais. E' o rapaz 1934, como o foi 1933, comunicativo, respirando saúde, sportivo, um nadinha apaixonado, leal como uma espada, a quem uma mulher se pode confiar, sem ter receio de comprometer o seu sorriso. Um filme com o nome de Jean Murat não pode deixar de ser muito bom. De ser mesmo excepcional.

Quando ele chegar a Lisboa vão ver que começa a primavera. Tra-la no seu sorriso e nos seus olhos claros, que não sabem mentir.



Jean Murat e Spinelly na «Castelã do Libano».

A' margem da semana

Conferencias

Cheguei cedo à Sociedade de Geografia. Queria procurar um bom lugar, para não perder uma palavra da conferencia do dr. Eduardo Coelho. Interessava-me o assunto e o illustre conferente, que não tinha ainda ouvido. Fiquei, de facto, bem colocada e entreteve os momentos de espera sem enfado.

Perto de mim, dois estudantes mantinham uma conversa descolada, mas esfuante de ditos engraçados, que faziam sorrir mesmo uma pessoa com menos bom humor do que eu. De repente, um deles descobriu triunfante: —Olha! o infante D. Henrique usava o cabelo à Beatriz Costa!

Desta vez creio que até o severo infante de Sagres se riu...

Mas quando o conferente chegou foi completo o silencio, completa a atenção. E o sr. dr. Eduardo Coelho disse-nos «o finalismo da Universidade e o Problema da Universidade Portuguesa». A sua voz clara e viril dava todo o relevo às verdades evidentes que nos expunha. A rotina, o meio termo, o papel mediocre da Universidade, a cultura restrita, o ensino banal pregado a uma cadeira escolar, são realmente a queda da intelligencia sem voo na craveira da vulgaridade.

Interessantissima, a conferencia, pela forma ao mesmo tempo sobria e eloquente e pelos pontos de vista superiores. O medico é, entre os homens cultos, um dos mais indicados para tratar varios assuntos, não só porque, como disse o conferente, a sua ciencia é também uma arte, mas porque devendo conhecer a criatura humana, em corpo e alma, melhor pode medir valores e consequencias.

★ ★ ★

Extraordinariamente saborosa e gulosamente escutada a «charla» do conhecido jornalista espanhol dr. Garcia Sanchiz, nas Belas Artes.

É um colorista singular, que com subtil maleabilidade de frase e de pensamento, sabe evocar paisagens, figuras, ambientes, dando-lhes uma vida intensa, uma graça excepcional, vincada de imagens, de comparações, dum claro-escuro admirável.

O dr. Garcia Sanchiz falou-nos de Veneza, da Holanda, de Bruges, da agua maravilhosa, que sendo a castidade da natureza se pode tornar também agua de fogo, e por fim falou-nos de Lisboa e do Terreiro do Paço, desse largo e belo Terreiro do Paço, debruçado no Tejo, que deixa tantos lisboetas indiferentes, e que eu vou ver muitas vezes, como se visita alguém querido... Como eu senti bem as palavras do dr. Garcia Sanchiz, quando nos disse que ali, á beira de agua, respirando fundo, nos poderiam colher a alma, que sentimos aflorar nesse suspiro...

Não sei quanto tempo durou a «charla». Uma hora? Um momento? É bem certo que o tempo não se mede pelos relógios. Claramente o demonstrou o publico numerosissimo, que ali ficaria indefinidamente, encantado com os quadros deste original pintor da palavra.

MARIA DE CARVALHO

Ler na

A BOLA

TODOS OS DESPORTOS CINEMA TEATROS E...

Menina

Maria Alice Navarro y Rosa
FALECEU

Arnaldo Navarro y Rosa e esposa participam a todas as pessoas de sua familia e relações, o falecimento da sua muito chorada filha, na Avenida 5 de Outubro, 31, 3º, realizando-se o funeral amanhã a hora ainda não determinada.

Lazeres e exercicios de campo

Há muito tempo já que eu te não dou aqui, simpático lisboeta, noticias de Pancas—o velho senhorio da margem esquerda quasi fronteiro á tua cidade.

Pancas não foi, com eu erradamente escrevi no «Ao Sol», pertença do Infantado. Os senhores de Pancas (a grandeza da terra dava este titulo aos donos) eram Vilhenas, e o ultimo foi D. Cristovão Manuel de Vilhena, supponho. Um senhor de Pancas se desafiou em 1676 com o marquês de Marialva, disputando a posse duma francesa facil—conta o sr. Julio Dantas em «O Amor em Portugal no Seculo XVIII».

No seculo XIX o comendador Estevão de Oliveira adquiriu a propriedade por titulo de compra pela bagatela de quinze contos.

Por morte dele foi dividida por seus filhos em 4 ou 5 lotes e o lote da Junqueira-Gorda é que foi comprado ha mais de 20 anos, pelo sr. José Pereira Palha Branco que dele fez com a sua extraordinaria intuicao de lavrador, o mais completo dominio de criação de gados que ha em Portugal, e um magnifico couto de caça.

São-me familiares os seus montados, arneiros, sapais e a casa de tipo andaluz, edificada no Paul da Vala, a que por ser em Portugal se chama «o monte», e em Espanha seria um completo e excelente «cortijo».

Acenou-me o meu amigo José Van-Zeller Palha com os dias de Entrudo, passados lá. E assim no sabado o meu criado seguia a esperar-me em Porto Alto, onde nos apeámos do carro e seguimos a cavallo. Vou também apresentar-te, ó lisboeta, o meu criado, tipico borda-d'agua, riço nos seus sessenta e três anos, como na tua cidade não são os rapazes de vinte. Chama-se Rorique. Supuz, quando lhe conheci tal nome, que algum boticario ou mestre-escola o teria levado á pia baptismal. Mas não. Ele deve tal nome de sabor pretencioso ao mestre de filarmónica que o apadrinhou. Também está certo.

É orelhudo, menos que meão na altura, embebida-se sempre que pode, e tem dado na mulher, na sua Vitoria, pancadaria sem conto, em tareias que ela tem lambido pela vida fóra, se não com gula, pelo menos com resignação... Como todo o homem pequenino, quando não é velhaco, foi dançarino: por ter dançado sem descanso durante os três dias e noites dum Entrudo, em rapaz, teve um esgotamento nervoso (ele chama-lhe esfaufamento por analogia com os cavalos) que o pôs de cama muitas semanas. E foi a unica doença interna da sua historia pregressa.

Tem a par da bebedice e de ser mais bisbilhoteiro que uma mulher, qualidades que fazem dele um criado fiel, util, desembaraçado, e duma rijeza que lhe permite fazer a cavallo, e com outro á arreata, trinta e tantos quilómetros duma assentada, depois de não ter montado desde os principios de outubro.

Feita a travessia do Tejo em Vila Franca, percorrida a esburacada estrada do Cabo, lá vou encontrá-lo com o cavallo enfreado e pronto a montar. Mas, porque ha três tabernas naquele cruzamento, apesar das minhas severas recomendações e das suas boas promessas o bom Rorique já estava pingado...

★ ★ ★

A tarde luminosa e macia tornou a jornada com os cavalos a passo num agradável passeio. Deixando para a nossa direita o curso do Sorraia, vamos de Palhavã, na direcção da Adémia, terreno susceptível de cultura que está, na mais rigorosa expressão da palavra, entre a varzea confinante com a extrema de Pancas e o montado que se lhe sucede. Assim entrámos em dominios da Casa Palha, sob uma tarde afagante, quando o sol começa a procurar a cumeada dos montes...

E a travessia das manadas começa: aqui são os toiros de três anos a olharem-nos majestosos ou desconfiados, mais adiante estão as vacas afilhadas, andados algumas centenas de metros, garraios de dois anos...

O sol espregueia ainda pela rama dos sobeiros em filetes de ouro no grande senhorio dos gados e dos pastores; mas a descida

Festa de homenagem

á sr.^a D. Emilia de Sousa Costa

Na Caixa de Auxilio a Estudantes Pobres do Sexo Feminino realiza-se amanhã, ás 21 e 30, uma festa de homenagem á sr.^a D. Emilia de Sousa Costa, presidente da direcção daquela benemerita colectividade.

Durante esta festa serão entregues á homenagem as insignias do officialato de S. Tiago, com que o chefe de Estado e o Governo a agraciaram ultimamente.

da tarde apressa-se, a aragem seca refresca-se e, quando chegamos ao «monte» as penumbras vão desenrolando as sombras e a noite cai.

—Na casa de jantar espera-nos o lume já aceso; as cores berrantes dos cartazes que panejam as paredes, como que reforçam o aquecimento e a conversa corre ao crepitar da lenha. Eu gosto muito de olhar para o lume que me aquece: prende-se-me o espirito em lembrança da arvore e da sombra e em volta delas gira-me na mente todo um mundo de afectos e de recordações...

Lá fóra pressente-se a friagem. O calor sabe melhor e instintivamente metem-se mais cavacas no fogão. Ao bater das nove vem a fumejar a terrina da canja; em lembrança passa-se aquella outra comida em Torges, com desacostumada delicia, pelo hipercivilizado Jacinto de «A Cidade e as Serras».

Sável de escabeche preparado á andaluza faz as delicias do meu paladar. e aos primeiros goles dum tinto levemente gasoso, eu declamo bem alto o doce verbo de Virgilio.

Rethica quo te carmina dicat

Há também um arroz doce de origem baranquenha, que exalta o dono da casa. Mas esse pitau foi levado por terceiro conviva. E esse belo companheiro exigindo-me lhe conservasse absoluto incógnico. Por aqui ficará pois a alusão.

★ ★ ★

Na manhã de domingo, ás 9 horas, a cavallo, para o montado. Ainda a geada branqueja nos telhados; mas o céu é dum azul transparente, o sol duma claridade triunfal e a aragem do norte seca e fria. Junto ao pinheiro grande os maiores aquecem-se á fogueira. As vacas afilhadas pastam em redor. Está com elas um toiro «coloráu», imponente de carne. O ganadero ordena que o tirem para fóra, para o ver correr entre duas vacas; mas o cornante desconfia, revolve-se, desce a fugir para o sapal entre cujos arbustos secos o vemos depois correr pelas veredas zigzagueadas e branquejantes, a colear. Roubou-nos assim o prazer de o ver correr enraivecido, com a fina pelagem vermelha a passar ao sol em clarões de incendio. Paciência, não é possível fazê-lo voltar!

Ha bezerros para sinalhar, fim que nos levou até á manada na qual inesperadamente encontramos o toiro que fugiu.

Transcrevo para aqui os periodos que a está faina consagrei num dos capitulos do «Ao Sol», e que também teve lugar numa manhã de fevereiro, luminosa e fria:

«A sinalação vai fazer-se com «derriba». «Derribar» consiste em perseguir a rez a todo o galope e com a vara, picando na anca, atirá-la ao chão. Este modo de lutar com a fera é de origem espanhola e na Andaluza pratica-se largamente. Sem entrar em detalhes de tecnica, basta frizar que um animal de poder só pode ser «derribado», applicando-lhe a vara, no tempo em que ele se apeia apenas sobre uma das mãos, a fim de provocar o desequilibrio.

«A manhã está linda, clara, com o sol a subir. Vai buscar-se a primeira vaca, negra retinta, que, acossada pelos cavalos, sai da manada, vigiando a cria que a seu lado galopa. Corremos sobre ela e tiramos-lhe o filho. Ao perceber a manobra, a mãe que até aí se defendia correndo, quer atacar com furia e, berrando, arranca-se com os cavalos. Os criados contêm-na, enquanto o ganadero e eu perseguimos o bezerro que corre apavorado entre as nossas varas em riste; a corrida prolonga-se porque a pequenez do alvo, animado pela velocidade, dificulta a pontaria, e o garraio corre sempre, celere, de ventas abertas, resfolegando a suar, até que uma varada certa o atira a terra, cansado, batendo os flancos, os olhos a rebolarem-se nas orbitas, tentando erguer-se ainda. Um cavaleiro apeia-se e, metendo-o entre os joelhos, abre-lhe o sinal com uma navalha na orelha. A mãe então desespera-se ao maximo por ouvir os berros suplicantes do filho. Larga-se-lhe depois a cria sobre que ela parte louca, entre reconhecimento e desespero, e os dois regressam á manada, apressados, descon-

fiados ainda: a cria, acolhendo-se o mais possível á protecção da vaca, esta, arrancando-se, ciosa, sobre quem lhe tapa a saída...

«E a cena vai-se repetindo, episodica, brutal, cheia de vitalidade e beleza, lembrando os tempos velhos das caçadas á lança em que os cavaleiros se adestravam para a guerra.

«Vai buscar-se outra vaca. Entre a irrequieta e negra manada destacam-se os vultos garridos dos campinos, correndo a cavallo, entre a boiada que se sobressalta e agita, pondo relampagos de cór no tremular do negro da mancha. Isolado, o animal desbarvora colado á cria que se lhe rouba e se acossa, até a fazer tombar, para sinalhar na orelha. E' lindo correr o garraio, é belo ver a mãe, fustigada pelo açoite do instinto, atirar-se para cima dos choupas que lhe ensangüentam o coiro, acicatada por uma força estranha e nobre cuja ansia cintila no brilho dos olhos ralados e grita em mugidos de supplica e de raiva. Tudo isto será uma barbara reminiscencia que os arabes deixaram na península; mas a beleza que lhe encontro, avanta-se bem á barbaria. Será barbaro; mas é sincero. E a civilização do seculo tem tanto de postico, artificial e mentiroso, que é mister buscar na chamada barbaria o que a vida tem ainda de verdadeiro, natural, cruel na animalidade violenta, sem córos de hipocrisia a mantelarem attitudes de cinismo!

«A faina continua-se, num espectáculo sincero, perigoso, cheio de cór sádica e de emoções espontaneas, sob o sol divino e sobre a terra abençoada, até que o maior anúncio que não ha mais que sinalhar...»

Eram onze horas. Fomos a Santo Izidro ver a capelinha alva no cimo do oiteiro e beber agua. Quando voltavamos na direcção do «monte», encontramos alinhado um cordão de cavaleiros sobre a direcção de Antonio Van-Zeller Palha, no qual se viam gentis amazonas. Contam-se ali também os grandes apaixonados das lebres, caras conhecidas do Chiado: Vitor Ribeiro, Carlos Viana, Conde de Cabral, Estevão Van-Zeller, Antonio Simões...

Assim se me deparou mais uma variação das que eu tenho cultivado com paixão. Alinhámos os três (não posso dar sinais sequer do outro companheiro!) e incorporamos-nos no cordão. Até aos ultimos raios do sol foram vistas trinta lebres, rijas como as lebres dos arneiros de Pancas, e seis ficaram na boca dos cães.

Os motivos de beleza em fugazes momentos de retina que uma caçada como esta proporciona a quem a goza, não são facéis de descrever: as sensações fortes do galope, as cambiantes da luz, as evoluções do grupo da lebre e dos galgos, em sucessivas visões de conjunto, são expressões fortes, manchas de cór e de movimento, estuantes de vida, de força, em que passam instantaneos das mais belas modelações...

Já baixava o crepusculo, quando voltámos em direitura ao «monte» e, deixando seguir o cavallo á vontade, de pescoço estendido, eu ia a recordar as fases mais emocionantes da caçada, a antegozar a conversa fatal, a trcca de impressões ao chegada do lume.

Ao jantar, uma tira de sabão em perfeita semelhança com queijo Gruyère fez lembrar desagradavelmente a alguém o Entrudo que passava e do qual, de tão bom grado, nos havíamos esquecido...

★ ★ ★

A segunda-feira gorda amanheceu também prenhe de luz e de beleza. Sob um frio seco e cortante fomos para Santo Izidro. Passaram as horas até ao almoço no aceso e «derriba» de garraios de um e de dois anos.

Uma vez terminada a refeição, comida numa barraca de caniço, no mais campestre cenário e na boa disposição que deixam estes fortes exercicios ao ar livre, montámos a cavallo a caminho da «Queima» na lezíria de Vila Franca. Estão lá os toiros de quatro e de cinco anos, verdadeiras montanhas. Depois de vistos em detalhe os seis destinados já a uma praça do sul da França, seguimos a caminho do Cabo. Ai terminou o cavalgar intenso deste passeio a Pancas.

O teu Entrudo, alfacinha, decerto foi bem diferente. E quando eu, na manhã de quarta-feira de Cinzas, me vim sentar á banca a começar esta cronica, com os pulmões bem oxigenados, os musculos temperados por muitas horas de cavalgar, sentindo sabôr á vida, tu estavas certamente a dormir fatigado, com os cabelos cheios de «confetti», a garganta e as narinas cheias de pó...

MOTTA CABRAL.

DESPORTES
Campeonato de «rugby»

Para prosseguimento do Campeonato de «rugby» de Lisboa, realiza-se no proximo domingo, o encontro entre o Sporting Club de Portugal e o Sport Lisboa e Benfica, no Campo Grande, ás 16 horas. Arbitra o sr. Luiz Serpa Pons.

Antes deste encontro, ás 14 e 30, realiza-se no mesmo Campo um desafio amigavel entre os «15» do Gimnasio Club Português e do Club de Foot-Ball «Os Belenenses, que será arbitrado pelo sr. Mario Nobre.

VIDA LITERARIA

NOTAS E COMENTARIOS

sobre os ultimos livros e publicações

Das obras de adaptação que a livraria Sá da Costa em boa hora está editando, duas encontro na minha jornada que constituem um serviço prestado às letras e à gente portuguesa:

«A Odisseia, aventuras de Ulisses, herói e navegador da Grécia Antiga», adaptação em prosa do Poema de Homero, trabalho realizado pelo dr. João de Barros, com notável bom senso literário interpretativo, e «Peregrinação de Fernão Mendes Pinto, aventuras extraordinárias de um português no Oriente», adaptação de Aquilino Ribeiro, formoso feixe de crônicas de primorosa contestura.

Note-se que nenhum dos adjectivos que aqui utilizo corresponde a um efeito ou a um excesso.

Uma e outra obra não comportam crítica, nem sequer comentários, para o que, em relação à primeira, pelo menos, me falta autoridade, e quem quiser que a tome para si, porque não temos nada com isso.

Contudo, quem conheça o Poema homérico e a famosa Peregrinação «de vista», ou de trato, e partamos do princípio que muitos a conhecem, ao ler as adaptações dos meus queridos amigos João de Barros e Aquilino, vê, sem ligeireza e muito menos favor, que «era aquilo exactamente o que se pretendia».

Não são obras apenas para estudantes ou crianças curiosas. São para todos.

«A historia que ides ler passou-se ha alguns milhares de anos. Mas, seculo a seculo, os homens tem-na ouvido e repetido sem nunca se enfadarem» —diz João de Barros, «m maneira adoravel de singeleza, por ali fora, no pequeno e gracioso prefacio.

A sua adaptação é a renovação das lendas homéricas, de Telemaco, de Calipso, das serias tão citadas Sila e Caribdes, dos rebanhos do Sol, do cão de Ulisses, o famoso Argus. Traz consigo um fiozinho da ternura legendaria, tão necessario ao homem de hoje, para adotar as realidades de maravilhoso.

«Formoso livro de aventuras, como não ha segundo na lingua portuguesa, é a Peregrinação de F. Mendes Pinto. O autor, depois de andar vinte anos pela Asia, soldado, negociante, pedinte, embaixador, corteão, jesuita, pirata, treze vezes cativo, dezasseis vendido, pega da pena e escreve» —diz Aquilino Ribeiro nas suas palavras preliminares, perfumadas da ingenuidade que o gosto pelas aventuras pressupõe.

E é de seguir as sete partidas, as jornadas de Antonio Faria, os corsarios, as tempestades, os escravos, os piratas, os mandarins—grande filme cinematografico que ninguem é capaz de fazer.

Não quero ainda deixar de marcar uma nota destacante das edições: as ilustrações e desenhos—recomposição historica e beleza pura—do illustre artista Martins Barata, professor de arte, o pincel e pena predestinados, e que com um serio sentido dos textos engraçou as obras, as enflorou, objectivando as cenas.

Se o leitor amigo, dos oito fieis que acreditam em mim, deseja reconciliar-se com as boas letras, adquira estas duas modelares adaptações.

E' de crer que a Casa Sá da Costa prossiga nesta missão, e se com ela tirar proventos, nem por isso esta nossa referencia deixa de ser precisa, porque os nossos editores—tenham paciencia—não sabem cultivar a publicidade, ou antes: cultivam-na horrorosamente, perdendo em eficacia o que supõem poupar em numerario.

Como se trata—repetimos—de um serviço prestado à cultura literaria, estamos prontos—em igualdade de meritos com a Odisseia e Peregrinação, é claro—a não occultar o valor das suas edições. Um «Fernão Lopes» para todos, «para toda a especie de portugueses» como diria o Almada

Negreiros, impõe-se agora. E vale duas jornadas, três caminhos de crônicas.

A «Seara Nova» fez no outono passado uma nova edição, a 3.ª, do «Inventário de Junho», do sr. Teixeira Gomes, homem de letras, helenico de formas, gaulês de ironia, de um realismo suave, e de um sentido critico tão notavel como um sorriso.

Esta edição, requintada, em quarto, destina-se talvez mais a coleccionadores e bibliofilos do que ao grande publico.

Julgamos, porém, que não tem razão de ser a anotação de Klopstock, que o autor coloca no rosto da obra: «este livro não tem utilidade no commercio».

«Inventário de Junho» inclui-se no numero dos trabalhos serios de literatura «para raros apenas».

Mas ao contrario do que se faz crer, os raros vão sendo muitos. Mas adiante, amigos.

O livro é conhecido. Não podemos precisar de quando é a primeira edição. Mas leva duas decadas sobre ele. Surpreendeu pela intenção, pela graça plastica, por aquele ar de boemia elegante de espirito, que fica muito acima da materialidade pulida. É a peregrinação de um viajero da beleza, de que são tipo as paginas de «Agripina», e de «D. Placido»; e um album de aguarelas nas paginas do «Vento Levante», e nalgumas miniaturas de «Varia»; é uma gaze de sentimento tímido, quasi envergonhado de o ser, nas folhas de «João de Deus», nas duas misulas «De longe». Mas o que caracteriza este «Inventário de Junho» é a nobreza do conceito critico, na opulencia da ironia fininha e senhoril, de alongada perspectiva social, e no sentido dinamico

A projectada viagem aerea a Timor

Sabemos que os officiaes do Grupo n.º 3 de Administração Militar, de Queluz, levaram a efeito uma subscrição entre eles, destinada a reforçar o fundo aberto na Caixa Geral de Depósitos, Credito e Previdência, para ajudar a custear as despesas com a viagem aerea a Timor e volta, que o tenente Humberto Cruz tenciona realizar no aparelho em que Carlos Eduardo Black está a tentar a viagem Lisboa-Pangim Lisboa. Outros officiaes de diversos regimentos estão dispostos a seguir o exemplo dos de Queluz. E, alem da Camara Municipal de Alcobaca, já contribuíram para o mesmo fundo a de Beja, com 700 escudos, e a de Marco de Canavezes, com 300.

Para os nossos pobres

Correspondendo ao apêlo que fizemos a favor dum pai affito, recebemos de H. B. C. 500, e de «Anonima» 1000, de M. L., 700 e dum anonimo, 500.

Um anonimo teve tambem a generosidade de nos enviar 1000 para os nossos pobres. Os nossos agradecimentos a todos.

O baile dos estudantes de Medicina Veterinaria

Nos salões do Automovel Club de Portugal realiza-se amanhã, ás 22 horas, um baile promovido pelos alunos da Escola Medicina Veterinaria, que será abrilhantado pela orquestra Urseira. Dirige o baile Madame Brittons.

Concurso de cegadas

Na séde do Imperial Club Lisbonense, realiza-se amanhã, ás 22 horas, um concurso de cegadas, em que tomam parte as cegadas premiadas nos ultimos concursos.

FUNERAIS

a pronto e a prestações

Preços e serviços com que ninguém compete

«SRAF»

R. das Pedras Negras 5-1.º
Tel. 27288

da interpretação dos fenomenos burgueses.

Nota-se isto, com deslumbramento, no «Introito», no «Meu grande amigo Tomaz», e na «nota final», que—repite—é injusta com a propria obra, e assim ceptica do meio ambiente literario, e, por que não dizer? —desdenhosa.

Ao reler-se—e alguns lerão pela primeira vez este livro de um esteta da intelligencia, mais do que das maneiras, recolhe-se uma embaladora sensação de deleite espirital, quasi artistico, immaculado, a tocar a mistica da beleza.

Outro livro, já ha bastantes dias sobre a minha mesa: «Nazis». O sr. Torres de Carvalho foi à Alemanha como viajero de jornalismo. Impressionou-se, como me impressionaria eu, se lá fosse. Fez entrevistas. Fixou factos. Tirou apontamentos.

De regresso a Lisboa fez um livro «Nazis», compilação de suas crônicas já publicadas.

«Não se procure dar uma interpretação errada aos assuntos contidos neste livro. Não foi escrito para defender ou acusar a Alemanha» —diz o autor. Muito bem.

E se é certo que da leitura do livro, da sua forma intencional ou não, resulta propaganda alemã hitleriana, não temos nada com isso.

Pensamos que estes trabalhos são sempre uteis. O meu camarada sr. Torres de Carvalho tem cultura geral, e adivinha-se que tem uma certa, e suficiente para o caso, cultura politica.

Assim as suas impressões de viagem, Hamburgo, Munich, Berlim, Bremen, Nurnberg, estão plenas de vibração descriptiva, entusiasmo contaminado, e este entusiasmo não é despido de elegancia literaria.

DE LUTO

2.º tenente Aureliano Gonçalves

No hospital de Marinha, faleceu hoje com 47 anos o 2.º tenente da Armada sr. Aureliano Dias Gonçalves, official com uma brilhante carreira de serviços à Patria e à Republica, os primeiros nomeadamente nas colonias e os ultimos na metropole. Tomou parte na escalada de Monsanto e nas operações do Norte contra os monarquicos, possuindo diversas condecorações ganhas quasi todas em Africa.

O seu funeral sai amanhã ás 15 horas do hospital de Marinha, para jazigo municipal, do Alto de S. João.

Carlos Henrique Alves

Faleceu o sr. Carlos Henrique Alves, casado com a sr.ª D. Maria de Jesus Alves, que era cunhado dos srs. Julio Gonçalves e Abilio Gonçalves e tio do sr. Humberto Gonçalves, funcionarios da Imprensa Nacional. O funeral realiza-se amanhã, pelas 15 horas, para o cemiterio do Alto de S. João.

SUFRAGIOS

Jaime Lança

Passando no proximo domingo o primeiro aniversario da falecimento do antigo director do Sindicato dos Profissionais da Imprensa e distincto jornalista, que foi Jaime Lança, realiza-se ás 15 e 30 uma romagem à sua campa, no cemiterio de Belas. Podem utilizar-se do combolo das 14 e 33 todas as pessoas que desejem tomar parte nela.

Angela Pinto

Faz hoje nove anos que faleceu a grande actriz Angela Pinto. No proximo domingo, seu filho manda rezar missa por sua alma, na igreja dos Martires, ás 11 horas.

Joaquim Pequillo Caldeira Pires

Reza-se amanhã, ás 10 horas, na igreja das Mercês, mandada dizer por sua familia, uma missa por alma do sr. D. Joaquim Caldeira Pires.

O CRIME DE ALCANTARA

O Supremo Tribunal Militar, na sua ultima reunião, confirmou a sentença applicada a Manuel dos Santos, o «Manuel da Fonte Santa», que o condenou a 20 anos de degredo, como autor da morte do policia, na rua de Alcantara. O criminoso vai ser transferido do Aljube para a Cadeia Nacional, a fim de começar a cumprir a pena de silencio.

As entrevistas com os magnates da Alemanha de hoje são, para quem se apraz nestas leituras de oportunismo politico internacional, um subsidio valioso.

O nosso ministro na Alemanha, dr. Costa Cabral, escreveu um prefacio para a obra. E' de ler-se esse prefacio, discreto, embora não chegue a ser diplomatico, isto é: artificial. O dr. Costa Cabral faz votos para uma era de paz, moral e material, «antes de tudo, nas almas» e julga que a mocidade de Hitler e dos seus sequazes é favoravel à instauração de um novo estado de coisas. Di-lo o nosso ministro da Alemanha; ele lá sabe. E salienta, e aqui justamente, que os germanos têm uma mentalidade criadora de processos que nós, latinos, não compreendemos, e repudiariamos.

Em resumo, «Nazis», do sr. Torres de Carvalho, fica bem numa estante do nosso tempo, pela despreensão, pela oportunidade, pela ligeireza agradável da forma.

A capa, cor de pinhão, diz assim: «Antonio Ferro—Prefacio da Republica Espanhola».

E' um trabalho de jornalismo profissional serio, o jornalismo da entrevista contingente, de um oportunismo fugaz, relampago da vida dos que jornadeiam as ideias dos homens publicos.

Ficam estes trabalhos como subsidio, ponto de referencia às variações dos processos.

Não é, pois, uma obra literaria nem uma obra politica; mas contém a literatura natural, aquele bom sentido de dizer bem as coisas, e não encobre uma pontazinha intencional politica, tão necessaria á entrevista como o sal na comida.

O prefacio do «Prefacio da Republica Espanhola» é que é novo.

E tem que se lhe diga.

O sr. Antonio Ferro, que é um jornalista feito, em rasgos e atitudes conscientes, como uma individualidade marcada (que é melhor do que marcante), justifica nesse prefacio, quasi sistematiza, o seu processo de entrevistador, pelo menos em relação aos trabalhos profissionais deste livro.

Define deste modo a entrevista, como processo:

... «a entrevista nem sempre é uma curvatura de espinha; pode ter a textura, a tecnica, a riqueza humana duma peça, ou dum romance «à clef».

Quere dizer o autor (ao contrario do que afirmava, indignado, João Chagas) que o entrevistador, se é de facto jornalista, porque nem sempre o é—tambem cria, sem inventar, tambem produz de si proprio em ideias ou em transferencias sem inventar nem imaginar.

Nisto tem Antonio Ferro razão.

Ele o confessa: interessaram-lhe os ditadores; fez a «Viagem à roda das Ditaduras». Interessou-se o transe espanhol, na agonia da monarquia; fez a viagem à roda da Republica, ainda em casulo.

Como excelencia da sua obra profissional, não precisava Antonio Ferro justificar-se.

Mas fê-lo com brilho, denotando um temperamento firme de jornalista, escritor ainda, e nesta faceta vai para Antonio Ferro a minha admiração de sempre.

O meu colega de jornalismo sabe o que eu penso a respeito da virtude excelsa da admiração: para ser alta e livre não deve ser incondicional. E se é servil—é falsa.

E já agora quero apontar, se não ao publico leitor, aos jornalistas que começam (e muitas vezes pelo fim) as modelares paginas da entrevista: «D. Miguel de Unamuno, Senhor Feudal de Salamanca».

NORBERTO DE ARAUJO

SAPATARIA CONTENTE, LT.

R. do Carmo, 74
Av. da Liberdade, 120

Novos modelos

Chá das cinco

A outra Espanha

Um telegrama de Paris vem recordar-me a outra Espanha, a anterior, aquela que se movia em torno de Afonso XIII e do seu sucessor, de D. Vitoria Eugenia de Battemberg e de suas filhas D. Beatriz e D. Maria Cristina. Em Madrid sentia-se a sua proximidade no Palacio do Oriente e muitas vezes surgiam á janela no aparatoso render da guarda, não faltando ás corridas extraordinarias nem a determinadas cerimoniaes, umas e outras servindo de motivo para fotografias que os jornais publicavam e que percorriam toda a Espanha. Em Sevilha eram certos pela primavera, passeando na feira e assistindo aos touros da maestranza; mas onde a sua presença se tornava mais nitida era na temporada de verão de Santander, reunidos num extremo da praia que era vedado ao publico, nas regatas e no «tennis», na estrada do Palacio da Madalena ao Hotel-Real.

O telegrama de hoje dá noticias do conde de Covadonga que renunciou á illusão do principado e da successão para casar com uma jovem cubana e que, pela primeira vez depois da renuncia, recebe a visita de sua mãe e irmãs num quarto de hotel em que se encontra doente.

E, para o quadro ser mais desolador, surge outro telegrama desmentindo a visita e afirmando que com aquele que foi príncipe das Asturias está apenas sua mulher, uma jovem cubana que não pertenceu á outra Espanha.

Outro telegrama, o da morte da parlamentar inglesa Mary Pickford, vem recordar aquella outra Mary Pickford que passou pela outra Espanha quando ainda não estava divorciada de Douglas Fairbanks e ambos andavam acompanhados do duque de Alba, que ainda não havia perdido a sua linda duquesa, linda como as formosas duquesas de Alba.

E o regresso do popular Rafael «El Gallo», com «Ale» que pelas Americas o acompanhara, e a volta do celebre Belmonte, não são também recordações da outra Espanha?

Duas mil pessoas esperavam Rafael «El Gallo» em Cadiz e, segundo «Ahera», um «cañi» explicou:

—Que quereis ustedes? Al desembarcar Rafael, hay que descobrirse, porque ahora desembarca por Cadiz media historia de la España contemporanea.

Da outra Espanha, porque «El Gallo» passou de contemporaneo a contemporaneo...

ROGERIO PEREZ

A GARRETT

Lunchs para casamentos

A Policia do Funchal foi dissolvida

Foi dissolvida, segundo o *Diario do Governo* de hoje, a corporação de Policia de Segurança Publica do Funchal, tendo em vista as conclusões do inquerito, áquella corporação. O actual comandante interino daquela Policia propôr ao ministerio do Interior a reorganização da corporação.

Dr. Anibal de Castro

Continua a inspirar cuidado o estado do sr. dr. Anibal de Castro que, durante a tarde, sentiu ligeiros alivios nos seus padecimentos.

A Cidade

A SESSÃO DO MUNICIPIO

Criam-se receitas para custear as grandes festas da cidade

Na sessão semanal da comissão administrativa da Camara Municipal, que passa a realizar-se ás quintas-feiras, foi hoje apresentada, pelo sr. Luiz Pastor de Macedo, além duma proposta para não se permitir a inscrição de vendedores de jornais com menos de doze anos de idade, outra que cria receita para as Grandes Festas de Lisboa em 1934, e que termina pelas seguintes conclusões:

«1.º Que sobre a importancia de licenças e taxas de estabelecimentos no corrente ano economico seja cobrado por uma só vez um adicional de 3 0/0.

2.º Que durante os dias 9 a 13 do mês de junho proximo seja cobrada no transporte dos carros electricos e elevadores uma tarifa suplementar, respectivamente de 20 e 10 centavos por passagem».

Calculada a primeira receita em 312 contos, e a segunda em 345 contos, acrescidas do produto das festas, calculado em 322 contos, calcula-se o orçamento das receitas em 979 contos, que terão a seguinte applicação:

Exposição Camoneana, dez contos; Arraial do Terreiro do Paço, duzentos contos; Cortejo fluvial, cento e quarenta e sete contos; Marchas nocturnas, setenta e sete contos e quinhentos escudos; cortejo de bombeiros, vinte contos; Auto Antoniano, cinquenta contos; embaixada do século XVIII, duzentos e noventa contos; fogo de artifício, trinta e cinco contos; decoração do Rossio, oitenta contos; excesso de iluminação publica, vinte contos, e despesas imprevistas, cinquenta contos.

A proposta que cria as referidas receitas e que foi aprovada é antecedida dos seguintes considerandos:

Que as festividades populares são uma aspiração publica tão imperiosa como quaisquer melhoramentos de ordem puramente material; que há necessidade de quebrar a monotonia da vida citadina, oferecendo aos habitantes da capital alguns dias de desenfado util e de salutar regozijo; que com as Festas de Lisboa se proporciona ao Comercio e á Industria da cidade um periodo de grande intensificação de negocios; que a realização das mesmas Festas trará vantagens effectivas ao Trabalho Nacional e ás forcas-vivas da cidade, movimentando capitais, atenuando o desemprego, e assim esbatendo a crise economica que asoberba todas as classes; e, finalmente, que, pela organização que lhes está sendo imprimida, as Festas de Lisboa, a par dum acentuado caracter popular e tradicional, terão também uma feição cultural e estética de grande interesse para a educação artistica da população.

Crianças abandonadas

Estão presas nos calabouços do Tórel Arnalda dos Reis Ribeiro e Alzira Rosa, residentes, respectivamente, na rua Sabino de Sousa, 47, e na rua Damasceno Monteiro, 63, por terem abandonado duas crianças.

TRIBUNAL DE MARINHA

Começou o julgamento de dois reus acusados duma importante fraude

No tribunal da Marinha foram hoje julgados João Pedro, segundo-tenente maquinista reformado, e Carlos Neves, sargento condutor de máquinas, reformado também, acusados ambos de terem colaborado numa fraude de carvão praticada ha cinco anos na corporação dos Pilotos da Barra de Lisboa.

O tribunal era presidido pelo capitão de mar e guerra sr. Alberto Carlos Ferreira, que tinha como adjunto o capitão de fragata sr. Antonio da Silva Pais, e como juiz auditor o sr. dr. José Mendes Correia Baptista.

Promotor de justiça, o capitão de fragata sr. Artur Vital da Cunha e Freitas; defensores, o comandante sr. Eduardo Scarlatti (oficioso) e o capitão de fragata sr. Carvalho Crato.

Das testemunhas, que são 30, entre as de accusação e de defesa, depuzeram duas até á hora de encerrarmos o nosso jornal.

O comandante sr. Matos Moreira, a primeira a ser chamada, disse acreditar na boa fé dos officiaes que assinaram os autos da vistoria de 160 toneladas de carvão a que o processo se refere.

Quanto aos reus, declarou não poder garantir que eles tenham tido culpa, embora admita que podem ser acusados de negligencia.

O sr. Eduardo Scarlatti, instando a testemunha, analisou minuciosamente o processo e procurou invalidar a accusação.

O defensor particular, sr. Carvalho Crato, aproveitando depois uma das declarações da testemunha, salientou que a corporação dos Pilotos da Barra se regia á paisana quando se deu a grande determinante do processo em causa.

E depois outra testemunha, Eduardo Augusto Florencio, piloto-mór.

Contou que as requisições de carvão não eram feitas por escrito nem tinham indicação de quantidades. O combustível era metido a bordo até os paiois ficarem cheios.

Interrogado sobre a maneira de escripturar e pagar o carvão dos fornecimentos, a testemunha confessou que desconhecia isso em absoluto; como ignorava o conteúdo do caderno de encargos do barco.

Não sabe igualmente quem se teria aproveitado da fraude.

O sr. Carvalho Crato comentou:

—Já vi que você não sabe nada acerca da corporação que dirige.

E fez á testemunha varias perguntas a que ella não soube responder.

A audiencia continua.

Prisão dum larapio

Foi preso no Porto Antonio Duarte Fernandes, residente na rua Teófilo Brago, 55, por ter furtado uma bicicleta a Carlos Izidro Aranha e um relógio a Armando Duarte. O preso chegou hoje a Lisboa e deu entrada num dos calabouços do Tórel.

TEATRO GIMNASIO QUARTA-FEIRA, 14—2 SESSÕES DEFINITIVAMENTE Estreia

Chalet das Aflições

Farsa musicada em 3 actos—Adaptação de MARCOS DO MONTE
PREÇOS POPULARES—BILHETES Á VENDA

VAE CASAR-SE?

Recomendamos-lhe uma visita á
A VANTAJOSA
que está vendendo moveis por preços especiais para propaganda de inauguração.

141—R. dos Anjos—143

Um roubo audacioso praticado por falsos agentes da policia

BARCELONA, 9.—O conde de Sert foi vítima dum roubo de certa maneira original. Ontem apresentaram-se no palacio do conde, que fica nos arredores da cidade, cinco individuos. Era cerca da meia noite. Aberta a porta, os cinco individuos entraram dizendo-se agentes da Policia e declararam á condessa, visto que o conde não se encontrava em casa, que vinham fazer uma busca, pois tinham denuncia de que estavam ali escondidos varios documentos monarchicos. A condessa acreditou que estava a tratar com agentes verdadeiros, tanto mais que um deles estava fardado de guarda-movel.

Os falsos agentes fecharam então numa sala a condessa e os seus criados, «para não perturbarem o bom andamento da diligencia». A «busca» durou uma hora e um quarto, e, depois de terminada, os agentes retiraram-se, felicitando a condessa por nada terem encontrado de delituoso.

Pouco depois, um dos criados verificava que os fios telefonicos tinham sido cortados e que o carro do conde desaparecera. Isto levantou suspeitas e em breve se verificou que os agentes não passavam de ladrões, pois levaram diversos objectos de valor. Não se conhece ainda a importancia exacta do roubo, que deve ascender a algumas centenas de milhar de pesetas. O conde de Sert é irmão do celebre pintor José Maria Sert.—(Havas).

O caso Almeida Pinheiro

Foi ouvido, como testemunha, o adido militar, em Paris

No primeiro Tribunal Militar Territorial, foi pronunciado, definitivamente, o sr. capitão-aviador Almeida Pinheiro, que se encontra preso ha oito anos, sob a accusação de ter desviado alguns milhares de francos, quando prestava serviço junto do adido militar, em Paris.

O referido tribunal reuniu-se, excepcionalmente, presidido pelo juiz-auditor sr. dr. Brochado Brandão, para inquirir, como testemunha abonatoria do acusado, o sr. major Lelo Portela, que se encontra, acidentalmente, em Lisboa.

O sr. capitão Almeida Pinheiro, acompanhado dum official da mesma patente, chegou, ontem de manhã, a Lisboa, vindo do forte de Elvas, a fim de assistir ás declarações do adido militar em Paris.

Desempenhou as funções de promotor de Justiça o sr. major Pedroco, e a defesa esteve a cargo do sr. major Cesar Vasconcelos.

Em maio deve chegar a Portugal, vindo das autoridades de Paris, uma deprecada na qual, já depuseram o sr. dr. Afonso Costa e outras entidades de destaque.

Ainda não se sabe quando se realiza o julgamento do sr. capitão Almeida Pinheiro.

Aos nossos correspondentes

No proximo domingo, os nossos correspondentes e agentes da provincia, para telefonarem para a nossa Redacção, devem utilizar o n.º 0271, do nosso P. B. N., e não as linhas da rede do Estado.

Julio das Farturas

Grande salão de festas do PARQUE MAYER

Bailados, canções e numeros de fantasia

pelos notaveis duetistas

Cine, baile e sorteio de valiosas surpresas

Entrada gratis—Aberto toda a noite

Grecia-Mario

No TIVOLI: um assombroso espectáculo historico

CATARINA DA RUSSIA

A seguir: o celebre filme de MARLENE

Cantico dos Canticos

SAO LUIZ apresenta o filme colosso

O TUNEL

Terça-feira: O formidavel filme «Raspoutine e a Imperatriz»

Encontra
mente a
seus cal
tonT
C
R
C
I
C
N
C
I

peis

I
C
N
C
Item 18
lurais á
colha,Preto
ro e V.sua
casaauxilio
quem
cabelosgode en
rutos,
cam tãosolto
I h a n
ninguen
que forCA
30Vende
estabele
Stock d
côres n
manias
ro, Gode
mRepre
M. C
Rua Can
Bra
Telef.Deposita
F. A.
O. L.

Rua d

Dr.^a Laurinda de Alambre
Doenças uterinas. Partos
 Clínica geral de Senhoras
 R. Garrett, 74, 1.º—Das 15 às 18 h.
 Largo Campo Pequeno, 19, r/c das
 12 1/2 às 14 1/2 h.—Telef. N. 5423

A Cidade

Mayer Garção

Advogado

Mudou o seu escritório para a Rua
da Prata, 178, 1.º

Telefone 2 6018

UMA CONFERENCIA

Algumas soluções

para o problema do desemprego

Encontra-se entre nós o engenheiro inglês sr. Arthur Guy Enock que se tem dedicado, ha alguns anos, ao estudo dos problemas economicos e sociais, especialmente aos que se relacionam com o desemprego.

Presidente da comissão de colonização agricola para os desempregados, os seus esforços e as suas iniciativas têm sido coroados de pleno exito.

Em Portugal deve ele realizar hoje uma conferencia na Associação Central de Agricultura, onde falará dos aspectos da questão que directamente se relacionam com a exploração da terra.

Quais são, em resumo, os principios gerais a que obedece a acção do engenheiro inglês e da comissão de colonização a que preside?

Para ele o problema do desemprego deve ter, ao mesmo tempo, uma solução de ordem material e de ordem espirital. A legião dos que não encontram onde ocupar a sua actividade sofre da falta de recursos e da falta de assistência moral, a segunda talvez mais sensível ainda do que a primeira.

Procurando dar remedio a esta situação, começaram surgindo as instituições de assistência, a cujo numero pertence a comissão de colonização agricola.

As medidas de auxilio preparadas e executadas pelo Estado verificou-se que não bastavam e em alguns casos mesmo se tornavam contraproducentes por se limitarem a assegurar o sustento dos individuos atingidos pelo desemprego.

Tratava-se apenas dum subsidio que não podia ter outras consequências além das de resolver um aspecto episódico e superficial da questão.

A iniciativa particular, actuando livremente e sem compromissos de qualquer espécie, procurou então dar remedio a estes inconvenientes.

O sr. Enock, na sua conferencia, deve occupar-se das tentativas feitas com este objectivo, a primeira das quais se iniciou em 1926 com os operarios mineiros. Estes, com o auxilio do governo e das camaras municipais, empregaram-se em numero razoavel como agricultores. Cinco anos depois, em 1931, eram já sessenta e quatro mil os que se encontravam nessas circunstancias; e para dar ideia da importância de esforço por eles realizado, basta dizer que produziram, só no País de Gales, mais de quatrocentas mil libras de generos alimenticios.

A partir deste ano poudo ser dispensado o auxilio do governo e a obra, já então em plena prosperidade, ficou a cargo duma comissão de tecnicos e de administradores que souberam dar-lhe o necessario impulso.

Hoje esta comissão fornece a cada desempregado uma superficie de noventa metros quadrados de terreno, além das competentes alfaias agricolas e sementes; os individuos socorridos agrupam-se depois em cooperativas, saldando, por um sistema especial de cobranças, os emprestimos que lhes foram feitos. Entretanto o governo paga-lhes o subsidio de desemprego, mantendo-o até que eles se fixam definitivamente á terra.

Assim se organiza, sob o ponto de vista social, uma nova categoria de pequenos proprietarios fortemente preparada para resistir ás solicitações de toda a ordem que junto dos desempregados se fazem sentir.

Este o plano que se tem applicado com magnificos resultados, e do qual se occupará desenvolvidamente o conferente de hoje.

Conferencias ministeriais

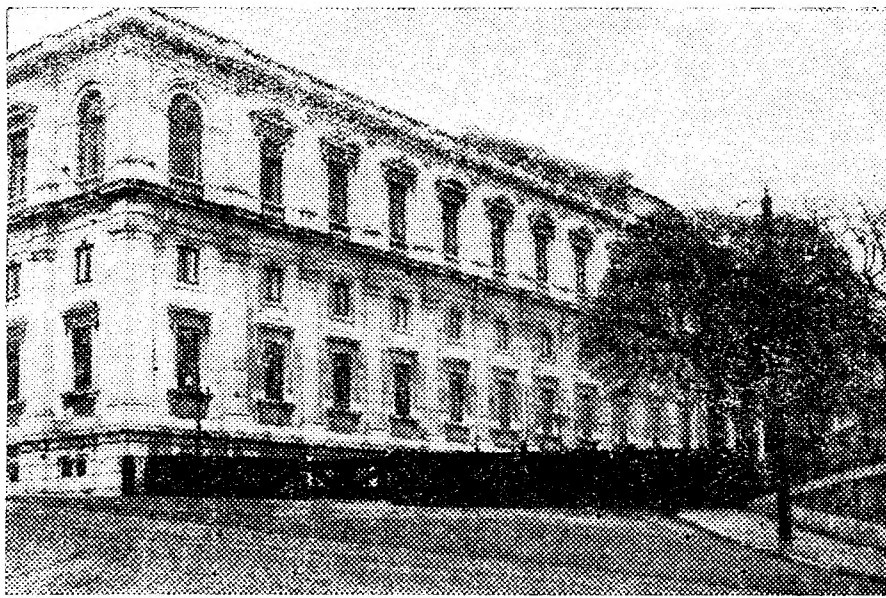
O sr. dr. Caeiro da Mata esteve esta tarde em casa do sr. dr. Oliveira Salazar a conferenciar demoradamente com o chefe do governo.

UM TAPUME MISTERIOSO

VAI MODIFICAR-SE O CORPO CENTRAL

do edificio do Congresso

segundo o plano do architecto Ventura Terra



A tarja negra indica o tapume que foi colocado no edificio do Congresso, para as obras que ali se estão a realizar

Ha cerca de quinze dias, dois tapumes, um do lado da rua de S. Bento, outro da calçada da Estrela, vedam, por completo, o transecto em frente do edificio do Congresso. O lisboeta curioso não pôde ainda decifrar o misterio de semelhante obstrução. Espreita pelas frinças das madeiras e vê, apenas, sózinho e isolado, no seu pedestal tamaninho, José Estevão, com um gesto impetuoso de eloquencia, falando ás multidões... ausentes. Alguns pombos quebram o silencio do local, arrulhando em nupcias primaveris.

O que se passa ali dentro?

Vai o leitor sabê-lo, com mais facilidade do que o jornalista, que se viu em palpos de aranha para penetrar na area defendida pelos tapumes, de frontando-se com a fabrica colossal do edificio do Congresso, ha menos de dois seculos ainda, convento da ordem dos Beneditinos.

Ha trinta anos que se fazem no edificio obras importantissimas de adaptação. Primeiro fez-se a sala do Senado, antiga Camara dos Pares, cujo traço pertence a um architecto aristocrata. Para a epoca—*pas mal*. Ambiente grave, sereno, um pouco sombrio. Construção sem grandes vãos, mas, enfim, util e ajustada á sua função. Mantve-se o claustro do antigo convento, que é fresco e claro, e onde ha ainda um fio suspenso no tempo, de vida tranquila e meditada. Só mais tarde, com o grande architecto Ventura Terra, se resolveu modificar a linha geral do edificio, traçando-se um grande plano de conjunto. Como sempre, em vez de se demolir a parte velha do convento, fazendo-se obra nova, foi-se para a adaptação, para a modificação, julgando gastar-se menos.

Mas foi precisamente o contrario. Gastou-se muito mais, e mais tempo, para se chegar á mesma conclusão.

Hoje, do secular S. Bento, nem sequer as paredes mestras existem. Algumas tiveram de ser substituidas, em virtude da sua grossura, outras vieram abaixo, porque eram feitas de pedra solta, revestidas de alvenaria.

Ventura Terra traçou um projecto a um tempo grandioso e severo, genero classico afrancesado. Construiu a sala da Camara dos Deputados,

dum belo risco, uma das melhores do mundo, com decorações de Veloso Salgado e Alves Cardoso, os «Passos Perdidos», de nobre ambiente, onde Columbano deixou o melhor do seu genio plastico, tão subtilmente evocador, isto na linha interna do edificio, com corredores, salas para comissões, gabinetes, bibliotecas, etc. Pouco a pouco foram-se modificando as fachadas. A anterior, a de sudoeste, ainda em obras, que deita para a calçada da Estrela, e parte da principal, no que diz respeito a janelas e varanda de honra.

Do antigo convento está apenas de pé, na sua fisionomia primitiva, a parte que dá para o mercado de S. Bento, occupada pela Torre do Tombo, que contém maravilhas bibliograficas.

★ ★ ★

O que se vai agora fazer? Modificar o centro da fachada principal, segundo o traçado de Ventura Terra, cuja concepção é, na verdade imponente. A parte central avançará alguns metros, poucos, e será alteada com o coroamento dum frontão, com motivos alegoricos, da autoria de Simões de Almeida, sobrinho. No interior, isto é, partindo do vestibulo, far-se-á a escada de honra, que levará o visitante e o representante do povo, á Camara dos Deputados ou ao Senado. Exteriormente, vai ser rebaixada a rua, assentando-se uma escadaria de marmore, possivelmente, ladeada, de duas estatuas. As portas cujo desenho possivelmente não sofrerá alterações, ficarão com grades de bronze. A parte central, em resalto, como já dissemos, ou melhor justa-posta á antiga, será enriquecida de colunas e pilastras. E' possivel que, em frente do edificio, se faça uma série de escadarias, ligando-o á rua de S. Bento, e dando-lhe assim uma moldura decorativa, que não deixará de ser imponente.

Eis o que se vai fazer no Congresso. São obras importantes, que demandam, talvez, 3 anos, e que custam, incluindo a nova fachada da Torre do Tombo, qualquer coisa, em cifras aproximadas, como dez mil contos.

Já sabe o leitor porque estão ali os tapumes!

A VIAGEM AO ALGARVE

O chefe do Estado

vem a caminho de Lisboa

a bordo do «Cinco de Outubro»

Ao deixar Lagos, o sr. presidente da Republica annunciou que o governo não descurará a solicitação feita por aquela cidade, a unica que Lagos formulou, acêrca da necessaria construção do porto comercial, indispensavel ao desenvolvimento do comercio e industrias locais.

A Junta Autonoma das referidas obras, criada para elaboração de planos e orgamentos, realizou já aqueles trabalhos e aproveitou agora a presença do chefe do Estado e dos membros do governo para lhes expor numa bem documentada representação aquilo que urge fazer sem demora.

Nessa representação, lida na Camara de Lagos, apontam-se os aspectos que justificam a urgencia da construção do porto e que são como dissemos de natureza comercial e industrial: comercio de frutas e cortiças, industrias de minas até agora desprezadas por falta de transportes e de pesca com a facilidade que adviria por motivo da criação do porto de abrigo, para o aumento do numero de embarcações empregadas.

A proposito da crise diz a representação:

«A crise angustiosa que ultimamente tem pesado sobre as industrias de pesca e de conserva na nossa provincia tem-se reflectido, como era de esperar, no apocamento dos algarismos que traduzem o seu trafego maritimo; fundadas são porém as esperanças de que esta crise revista um caracter transitorio e melhores dias vejamos surgir».

Apontando a solução imediata para as necessidades mais urgentes, lê-se o seguinte naquelle documento:

«Essa solução encontrar-se-ia na adopção dos projectos pela Junta Autonoma do Porto de Lagos enviados á Administração geral dos Servicos Hidraulicos, segundo os quais as obras do porto se limitariam por agora á construção de um só dos molhes projectados e á dragagem do estuario da Ribeira de Bensafim».

Estas obras de um aspecto financeiro relativamente modesto, porque o seu orgamento não vai além de 3.600 contos, preencheriam desde já uma função importante, a qual é a de dar abrigo ás embarcações de pesca que alimentam a principal industria desta zona da costa algarvia e a de trazer refugio aos navios mercantes que aqui acorrem a realizar o nosso intercambio com os mercados estrangeiros».

A representação termina com uma alusão entusiastica á construção do monumento ao Infante D. Henrique, em Sagres e com palavras de esperança na protecção do governo aos interesses de Lagos.

A esquadra inglesa

a caminho das manobras

LAGOS, 9.—Durante a madrugada e a manhã de hoje saíram desta baía os 31 navios da esquadra inglesa, que saudaram o chefe do Estado durante a sua estada aqui. A esquadra seguiu com rumo a Gibraltar, cujo estreito vai tentar forçar, segundo o tema destas manobras desta quadra.

O Chefe do Estado

vem a caminho de Lisboa por mar

VILA REAL DE SANTO ANTONIO, 9.—Como o tempo melhorasse de madrugada, o aviso «Cinco de Outubro» tendo a bordo o chefe do Estado e os ministros, levantou ferro deste porto ás 6 e 30 com destino a Lisboa.

Ao largo da baía de Lagos aguardava-o o aviso «Gonçalo Velho» que passou a dar-lhe escolta. Os dois barcos devem entrar no Tejo pelas 23 horas, desembarcando o sr. presidente da Republica na base dos submarinos.

NOVIDADES LITERARIAS

O homem que assistiu a Alcacer Kibir...

do livro "A casa do diabo" de Armando Ferreira



ARMANDO FERREIRA

Armando Ferreira é um professor de optimismo. Não vê a vida em côr de rosa, mas a sorrir, com ironia, observando com gula sarcástica os tipos e as coisas. Os livros de Armando Ferreira são sempre vivos e salutares. Não abusa da caricatura, nem das legendas de traço grosso que podem ser incisivas, mas também irritantes.

Não, conserva-se no meio tom — justo, pitoresco, real. O ultimo livro de Armando Ferreira «Casa do Diabo» é empolgante de alegria. São novelas e crônicas, cheias de sabor, escritas do natural, com figuras desta comédia de Lisboa, onde ha ridiculos, pretenciosismos e «gaffes», tudo recheado de convenções e preconceitos.

Armando Ferreira é um humorista instintivo. Os seus olhos inteligentes devassam todas as intimidades da existencia e das almas. Por vezes, nos seus quadros de realismo, onde a ironia tem sua mistura de piedade, uma ou outra fantasia diabolica. Foi assim, com estas qualidades magnificas de escritor, que ele escreveu essa fantástica «Casa do Diabo», que não tem alcapões, nem bastidores, nem enigmas, nem misterios, mas que reduz e empolga pela sua graça de carreadas, pelos seus tipos excêntricos e pelas suas intrigas, estupendamente urdidas, em que o leitor se prende, como numa camisa de onze varas. A literatura portuguesa tem uma tradição de comédia, desde Gil Vicente a Gervasio Lobato.

Armando Ferreira mantém-na com inextinguível brilho, desenvolvendo-a e atualizando.

Transcrevemos um capítulo da «Casa do Diabo».

«Saímos daqui — começou o Noronha depois de longa pausa preparatoria, a concentrar ideias — mal desmontou o sol. Fomos os dois de automovel até Machico. Ali, estivemos um dia. No seguinte Hanz appareceu-nos a bordo dum gasolina, no qual imediatamente tomámos lugar, seguindo a costear o ilha durante algum tempo e desviando-nos para o mar pouco depois.

Bruning ia evidentemente preocupado; não me dirigiu a palavra durante a travessia; Hanz tão pouco falou. Quando nos aproximámos da outra ilha desviámos-nos do povoado e, circundando-a pelo norte, dirigimo-nos á parte que reconheci ser o local da queda do Mais além... Morok queria vender-me os olhos, mas Bruning dissuadiu-o de tal. Depois de algumas evoluções, para despistar qualquer curioso ou para encontrar o local escondido entre a penedia onde o barco se podia acolher, chegámos ao minuscúlo porto de seixos negros que já vira da outra vez.

Subimos a encosta, nalguns sitios com auxilio das mãos, que tinham de agarrar-se aos penhascos; entráramos-nos na mata, espessa, silenciosa, e por fim chegámos á velha fabrica abandonada oculta entre o arvoredo copado.

— Desta vez, meu caro coronel, não temos um almoço como o da sua chegada. Temos de nos contentar com os cozinhados do Fritz.

No cottage, já conhecido por mim, notei a existencia de grandes modificações. A sala de jantar desaparecera para dar lugar a uma especie de estufa ou camara escura, vedadas as janelas por dentro e o tecto substituido por grande vidro fôscô... O meu antigo quarto estava transformado em cabine de comando de novos engenhos, com alavancas, um quadro de distribuição, uma bateria de acumuladores no chão... Só o hall central, com a cupula giratoria, mantinha a configuração já minha conhecida embora notasse logo as consequências do aumento de potencia do emissor, na aparelhagem, nas valvulas, nos isolamentos reforçados, no numero de lampadas. A minha antena, lá estava. Fiquei contente, hein?, quando a vi, e não pensei na fadiga, nem no almoço, nem no resto do mundo todo

para me concentrar naquele pequeno pedaço de arame que a minha imaginação tornára capaz de milagres nunca vistos...

O Hanz, em verdadeiro panico, veio ter connosco: — Fritz não está cá... Dei volta á casa... fui ao laboratório, nada...

O dr. Bruning não queria acreditar; ele proprio foi á cozinha, percorreu tudo e disse-me:

— Eu vim de surpresa, á verdade; mas Fritz nunca sai daqui. Teremos nós que preparar o almoço... até que ele venha.

Hanz colocou um avental branco que o cobria todo em altura, mas faltava na gordura, e foi buscar as latas de conservas, as marmeladas, o grande frasco do choucroute... Estava contente, cortando em rodellas todas iguais as salchichas, o salame, que o doutor e eu lhe passavamos... Bruning disfarçava mal a preocupação que a ausencia de Fritz lhe causara e que viera juntar-se ao nervosismo que desde a nossa conversa da vespera... sim, tu lembraste?... eu tinha-lhe contado da morte do negro... de pesquisa em minha casa... O almoço foi, apesar de tudo, farto e regado a cerveja e sumo de maçã. Hanz estava convicto que eram aquelas as ultimas experiencias do doutor, e que o invento ficaria á sua disposição. Eu objectei:

— Bruning, mas então não é o governo alemão que subsidia os estudos...

Hanz, que attingia o alcance da minha pergunta, avermelhou o carão largo, e, apoplectico, atalhou logo:

— O governo está acima de tudo. Nós trabalhamos todos para a grande nação... Mas a patente é minha; ha-de ser minha, porque é com o meu dinheiro que vocês têm trabalhado e até... devaneado em coisas desnecessarias... A Krupp ficará a perder de vista ao pé da nossa sociedade... Mas o tempo urge... Ha três anos que larguei os gases... industria facil, que tinha nas mãos, hein Bruning, porque você me trouxe para este negocio dos raios, com boas promessas... e afinal quasi nada adiantámos...

— Não diga tolices — gritou Bruning; depois gargalhou mefistofelicemente — hoje havemos de ir onde nunca foi ninguém... Vê o que ninguém viu!

— Quero lá saber disso! Fantasias de vocês, sabios absolutos, sem utilidade... nem senso de viver!

E, não deu mais palavra, amuado, temendo a colera de Bruning e saboreando com prazer as salchichas com choucroute que lhe enchiam o prato de aluminio.

A tarde, aumentou a preocupação de Bruning pela ausencia de Fritz... A unica hipotese admissivel era a da sua ida para a Madeira, desenhando-se do doutor. Esta era a hipotese mais tranquilizadora; todas mais (a sua fuga ou um imprevisto accidente) punham de mau humor Bruning, que só voltou a concentrar-se nos trabalhos quando a tarde começou a cair e o sol, embora coado pela copa das arvores, deixou de incidir sobre a chapa de vidro fôscô.

O doutor explicou-me, cheio de enthusiasmo:

— E' colossal, hein? Neste vidro vai você ver o que quiser... O nosso sonho converter-se em realidade...

— Mestre, que conseguiu então?

Gargalhou, naquela sua alegria diabolica

Publicações

«Trabalhos escolares da Checo-eslováquia»

O ministerio da Instrução mandou publicar numa elegante «plquette» a conferencia que o distinto architecto Paulino Montés realizou no Liceu Normal de Lisboa, em janeiro ultimo, acerca dos «Trabalhos escolares da Checo-eslováquia».

Trata-se de algumas notas criticas muito interessantes feitas á exposição de trabalhos escolares checo-eslovacos, que haverá a maior conveniencia em espalhar pelas escolas, conforme a determinação do ministerio da Instrução.

Esta publicação encerra ainda apreciações criticas da sr.^a D. Helena Roque Gameiro e do pintor Lino Antonio.

Conferencias

O sr. Ludocico de Meneses realiza, na proxima segunda-feira, ás 21 e 30, na Sociedade de Geografia, uma conferencia acerca de Bartolomeu Lourenço de Gusmão, em que reivindicará para Portugal a prioridade da navegação aerea.

que denunciava o triumpho, a vitoria, e segredou-lhe:

— Colocar-nos para além do tempo...

— Sim, eu sei doutor! O nosso sonho... Facil de conceber... Trago aqui ainda os calculos. Mas como conseguiu tornar a reflectir para a terra o nosso raio?

— Logo falaremos... é o meu segredo. Agora veja e agradeça-me.

— Tu sabes, Teofilo — disse o coronel voltando-se agora para o tenente, como professor a querer ser compreendido por qualquer discipulo dilecto — que quando se olha para uma estrella qualquer não se vê o aspecto que ela tem nesse mesmo instante, mas o que teve ha meses, ou anos, conforme a sua distancia! Se uma delas se apagasse agora, não deixariam os incertais de a ver brilhar senão daqui a alguns anos ou seculos, conforma também a sua distancia á terra. Isto é infantil... Com a onda infinitesimal a nossa velocidade de emissão ultrapassava já alguns anos de luz, a velocidade da propria luz... Quere dizer, o nosso raio conseguia adiantar-se a todos os outros. A terra atrozava-se na sua marcha aparente, como na experiencia de Langevin... Faltava-me saber como conseguia o Bruning inverter a marcha dos raios, reflecti-los com tão pequeno angulo, que voltassem ao ecran improvisado em vidro fôscô onde, agora tinha a certeza, ia ver as visões sobrenaturais do mundo retardado... Era o que Bruning me iria explicar depois ou durante as experiencias que ansiava começassem.

Hans quis assistir também, mas com desprimo e para acirrar o doutor, dissera: — Vamos lá ao cinema... Quem sabe se não será uma futura exploração a tentar...

Ensombrecera-se a casa... Bruning, ajudado por mim, ligara a corrente, aquecia as lampadas, observava a voltagem cuidadosamente, manobrava a cupula movel que nos deixou ver o ceu infinito, nillado, com as primeiras estrellas ainda empalidecidas — Vamos emitir.

Orientou a antena rotativa — a minha antena sinusoidal — colocou-a por meio dum quadrante graduado em sentido horizontal, de forma a que o raio ondulatorio estivesse na direcção do zenite, gradu u o aquecimento e as correntes das placas nas lampadas e disse-me:

— Vamos... vamos...

— A minha ansiedade é quasi infantil, mestre, disse eu.

Quando chegámos á antiga casa de jantar, e nos sentámos nos fauteuils que nos permitiam olhar o vidro fôscô do tecto sem cansaço, nada notei de anormal, além de certa luminosidade baça, como o aspecto lunar quando velado por cortina densa de nuvens...

Bruning ia e vinha entre os dois quarcos numa febril e silenciosa actividade; graduava o comprimento da minuscúla cnda, aumentava a intensidade, vinha examinar os efeitos, voltava junto da emissora, sorria, franzia a testa e eriçava as sobrancelhas...

A minha emoção era imensa.

No seu fauteuil, o ventre erguido, o charuto apagado, Hans deixara-se dormir, resfolegante como chaleira de agua a ferver...

Os meus olhos não se tiravam do vidro, onde circulavam aureolas de luz, indefinidas e imprecisas, reflexos azulados, amarellos, sem qualquer sentido ou forma. A pouco e pouco, em semelhança das imagens que entram em foco num vidro despolido,

Festas associativas

O Lusitano Club organizou um programa de festas para o corrente mês, que principiam no dia 11, ás 22 horas, com um baile e se prolongam pelos dias 19, em que haverá campeonato de bilhar; 25, em que se realizará uma grande sessão cinematografica; e 31, em que se efectuará uma festa dedicada ao club pela Academia Instrutiva.

No dia 8 o grupo dramatico do Lusitano Club representará a peça «O Ladrão».

— No Grupo Dramatico do Campolide Atletico realiza-se amanhã, ás 21 e 30, uma recita constituida pela comedia «Não é o mel» e por um acto de variedades e seguida de baile.

Desastre de viação

CANTANHEDE. 8.—Ontem, ás 21 horas, quando o automovel da Sociedade de Mercarias, Lda., guiado por Afonso Duarte e conduzindo os srs. Americo Madeira, Antonio Menezes e João Pascoal, seguia desta vila para Ilhavo, derrapou ao passar pela curva da Ponte de Vagos, na estrada da Mina, a dois quilometros daqui, e foi chocar com uma arvore, pelo que ficou muito danificado.

O «chauffeur» e o sr. Americo Madeira sofreram varias fracturas.

os circulos uniam-se, compunham-se, dando lugar a um contorno esferoidal, vago, sem delimitação bem definida, mas que fez o sr. Bruning bater-me no ombro e apontar-me em silencio, com alegria bailando nos olhos...

— E' ela! — disse baixo, com a intenção de não acordar Hanz.

Voltou á emissora e eu vi, hein? Teofilo, com estes olhos, estes mesmos que estás contemplando, e tão bem como te vejo a ti, a forma difusa e esferica afastar-se, diminuir, mas precisar-se mais, tomando o aspecto de lua cheia, com manchas como as do nosso satélite. «A terra!» exclamei eu, tomado de entusiasmo e receando o sr. vítima duma alucinação! Era com efeito a imagem do nosso planeta, reflectida, e tal como a veria de outro astro longinquo... Senti afastar-se do meu ser corporeo toda a materialidade que me rodeava... Por instantes tive mesmo a vertigem do espaço distante, vôo formidavel em altura quimérica, e não tirava os olhos do infinito nebuloso que tinha em minha frente e no velho mundo que abandonara por momentos, em espirito e visão.

Bruning viera para meu lado, e em silencio contemplava o espectáculo sublime. Depois, murmurou-me ao ouvido:

— Vamos ter com ela... Calculo que estamos uns 380 anos para trás... não posso precisar bem...

Tal a imagem cinematografica que parte dum ponto central e crescendo para nós dá a impressão do movimento de aproximação assim eu vi aquele esferoide aumentar, crescer, encaminhar-se para mim, alastrando para fora do improvisado ecran, e em alternativas de escuro claro, manchas e sombras, relevos e superficies planas, nuvens e claridades que me cansavam a vista e faziam estalar o cerebro no desejo de tudo ver, perceber e diferenciar, vir a fixar-se numa tonalidade unica, igual de lado a lado, sem interesse nem nada de notavel.

Bruning veio ver e disse-me:

— O mar... Temos de deslocar-nos lateralmente, procurar continentes...

Voltou a mover-se a imagem, e por fim a massa negra da terra surgiu... A altura a que estavamos era de uns 200 ou 300 metros e observava o que se passava como andasse de aeronave... Distingui perfeitamente todo o relevo geografico, os pequenos aglomerados de habitações...

— Onde estamos, perguntei ao dr. Bruning?

— Parece-me que na Africa... a não ser que seja a India... Não apanhamos qualquer contorno... E' difficil ter a certeza. Aqueles pontos brancos são mouros... ou indios... Vou tentar aproximar-nos mais, mas receio que nada consigamos. Qualquer deslocação agora é brusca...

Com dificuldade notei que nos aproximavamos. As imagens eram vistas talvez a 100 metros... Bruning não se enganara: eram mouros, passando com seus grandes albornós brancos; parecia um formigueiro de actividade. Divisámos a renda recortada das ameias e barbacãs de qualquer fortaleza:

— Isto não tem interesse — disse Bruning — Vamos deslocar-nos...

— Não, gritei-lhe... Err. que ano estamos?

— Ai por 1580... Quero ver se vejo as lutas entre o eleitor João Segismundo de Brandebourg — um antepassado meu — e o conde palatino de Neubourg... Ora isto foi no tempo de Rodolfo II da casa dos Habsburgs...

— Não... Não mude nada...

Com grande espanto meu, o vidro dava-me agora a visão real duma batalha... Havia correrias a cavallo, brilhavam laminas, elmos, esvoaçavam estandartes...

Bruning vendo o meu interesse, fixou-se também no espectáculo que nos estava sendo oferecido pela terra, por aquele lugar da terra nas proximidades de 1580. Compreendeu, viu e disse-me lisongeiadamente:

— São os portugueses... Oh! os bravos. Foram eles que nos deram a terra toda. Deva ser um combate como tantos... não?...

Eu porém tinha a certeza que não era um como tantos; era Alcacer-Kibir, na furia do ataque, na multidão de arabes, na grandeza do arraial... Assisti durante meia hora a essa batalha, indescritivel, com o fluxo e refluxo dos antagonistas, vendo, com afflicção instintiva, as massas densas de cavaleiros arabes que se acumulavam... Devia a Bruning a amabilidade de não ter mudado o espectáculo e estava prestes a ver o final, quando...

«MEMORANDUM» DE SAUDADE

Raposo de Oliveira, poeta e boêmio



PAPOSO DE OLIVEIRA

Procurei num mundo de imagens em delírio os sedícios de algumas doces evocações e somente logrei encontrar labirintos de traços, dubias esfumaduras de efígies sem possível reconstituição, linhas sombrias e confusas como as que atormentam as retinas cansadas pelos pesadelos sonambulos da treva. Parecia-me que no equivoco ambiente surgiam, por vezes, expressões monstruosas como de tórridas máscaras que se reflectissem em espelhos de deformação.

Poderia eu achar nesse caos pavoroso a suscitação objectiva para a lembrança visual do meu saudosíssimo camarada Raposo de Oliveira? Jamais. Qual deveria ser, então, o modo melhor de objectivar a desejada lembrança, através de que eu conseguisse preitar maximamente o morto queridíssimo?

Para o meu inesquecível Raposo de Oliveira a expressão das coisas era nada perante a essência das almas. A ele, que teve vida ardente nas labaredas do próprio espírito, não agradavam os cultos de exterioridade em preterição das homenagens intimas. E se o quero venerar bem, dentro da distancia que vai da minha existência á frialdade do seu coval, tenho de adoptar o facto espiritual da recordação pura, evocando o que ele houvesse possuído de radiante na sua candidez moral, nas ascensões do seu talento, nos rasgos da sua dialectica, na envergadura do seu estro lirico. Para a sua alma, que sempre se mantinha em vibrações de sentimento absoluto, essa é, decerto, a mais bela e a mais «recebida» das oferendas votivas que lhe possa dedicar!

Pensemos que são um revólver de pestilências as celebrações materiais relacionadas com os calendarios necrológicos; e que constituem um ascender de perfumes as consagrações dos mortos pelo modo intrinseco da memoria.

Até no rememorar da biografia de Raposo de Oliveira buscaremos como que elementos de reconstrução psíquica da Vida—da Vida em que eles se tornam cada vez mais raros. Consequi-lo-emos repetindo as notas suaves do heptacordio da sua inspiração poetica, vibrado nas harmonias de um apaixonado lirismo, nos canticos de Beleza em que transformava todos os ensinamentos da sua razão, todas as concepções da sua inteligência, todos os reflexos da sua sensibilidade.

E, assim hei-de vencer a escuridão do esquecimento—com relâmpagos de memoria! Porque, por entre as comoções do meu afecto pelo amigo desaparecido, a minha memoria—mesmo em frente da Morte!—não amortecerá...

★ ★ ★

Um dia antes da sua hora funesta, naquele Janeiro de gélido rigor da invernia, eu vi nos olhos do poeta meu companheiro o destemor do transe definitivo. No seu aperto de mão, frio como a carícia de um abraço descarnado, senti o negro sinal de sobreaviso da tragica aproximação... Mas,

na comissura incerta dos seus labios palrava um sorriso nervoso, em guisa de desafio... E' que ele não receava a Morte e, até, longanimo como era, a considerava o fim igualitario. Na verdade, quem nas cidades mortuarias distinguirá dos escombros do Bem as ruínas do Mal? Pois, se entre a Vida e o cemiterio apenas ha uma diferença de legenda: O «campo», destinado ás germinações que alimentam a Vida; a «campanha», servindo á adubação que, na quimica da terra, igualmente é fermento da Vida... E, ainda no particularismo restrito dos nomes, outra diferença minima: O «túmulo», na Vida; o «túmulo» na Morte!

Sim. Raposo de Oliveira, que dos dias fazia calendas de intensa observação dos problemas latejantes nos meios intellectuais, sentia todos estes contactos eternos da existencia. Por isso, não deixava de reconhecer que a morte está sempre em nós mesmos, faz parte essencial do nosso ser, não é em nossa relação uma intrusa porque nos pertence... E se a vida tem um sinonimo, que é—Inconstancia, a Morte tem uma expressão própria que é—Certeza! Foi, mesmo, por efeito dessas noções, que ele, joguete precario da maior das contingencias, tombou no seu fim, sem qualquer frémito de pavor...

★ ★ ★

Bem distante do epicurismo vertiginoso dos seus ultimos tempos, o nosso periodo de camaradagem mais intima decorreu ha vinte e tantos anos. Havia, então, ganho a maxima affectuosidade a nossa dilecção e de tal modo que os nossos pontos de vista em assuntos do Espirito ou em aspectos do movimento literario confundiam-se, por concordes em absoluto.

Compraziamos-nos em saborear as mesmas quimeras inefaveis, em deduzir iguais interpretações de arte, em preitar no mesmo culto vibrante os grandes bardos, os altos escritores, os lumieiros do Pensamento. E, dilatando a vista pelo horizonte português, era, antes de outros, a Antero—esta montanha do Genio—que rendiamos o nosso maior fervor, com os olhos presos na altaria dos seus pincares, vizinhos do céu, irmãos do sol em deslumbramento.

Nas nossas noites de esturdia sem quebranto e sem desaire, extasiados—o Raposo no plenilunio que banhava a siderea imensidade; eu, no luar que irradiava do seu espirito—entregávamo-nos á cantoria folclórica dos Açores que ele conhecia bem, como agoreano castigo que era. Surgiam depois, no nosso folgar, outros temas do cancionero do povo; e a noitada decorria em ritmos e canções que a roda aplaudia, congratuladamente. Daí a pouco, eram devaneios espreguichados ao longo dos nossos projectos o que nos tomava a imaginação. E das polemicas travadas com honra para uma das partes, de cada vez... não raro derivávamos para o improvisado das trovas em que não tinham motivo os tormentos e as renuncias e, antes, floresciam sempre os anseios de Beleza extrema. Nestes jogos de boemia literaria, era de notar a clara espontaneidade do seu talento de versificador, a luminosidade da sua intuição—aquela «men» estranha, aquela noção lucidissima que transcende todas as noções reais e até nos obriga a prestar credito ao divinatorio...

Do coração do poeta boemio desentramavam-se carmes, como os perfumes emanam das corolas, como dos canaviaes partem as musicas do vento e como as alvoradas de abril os efluvios germinais dos formosos dias, os fluidos que, depois, na plenitude azulinha do ar livre, geram a alegria, a vitalidade e a cor. Não havia grande vibração de Vida que não encontrasse reflexo perfeito na sua fina vibratibilidade. E, se sentia com exuberancia, os motivos da

alacridade e da louçania, não deixava de interpretar superiormente, tambem, como reverso inevitavel da Existencia, os lances da Dór, paginas da vida mirraforme—livro onde os corações surgem a pulsar nos idilios liricos e acabam lacerados em tragedias passionais; e onde os paraisos do amor se transmudam nos infernos do ciúme, como se houvesse de destruir-se pelo fogo o que pelo fogo foi criado...

Vinham, por fim, a dar em locubrativa controversia os ultimos colloquios das nossas madrugadas remanescentes da noite profissional nas redacções. Ainda nessa altura, o malogrado companheiro lhes emprestava uma viva originalidade que as libações sem macula, com falernos deliciosos, nunca poderiam embotar. Falávamos daquelas cenas de duvida e de tedio que servem sempre de fundo ás figuras eternas de Hamlet e Pierrot, vencidos; daqueles instantes em que dos extases do Pensamento irrompem fulgurações que iluminam todo o mundo; daqueles casos em que o orgulho não ofusca a renuncia oculta nas tebaidas e em que as vitorias não passam de vulgares odiseias; daquelas emergencias do Viver em que se tornaria mistér aniquilar certa humanidade inferior em holocausto a uma justiça superior... Mostravam, então, uma calma grave a sua voz e os seus modos. Tristeza? Não. O que nêle, por vezes, parecia ser fatalismo de zingaro só se considerava uma bela austeridade de espartano.

★ ★ ★

Não era excepcional que estas trocas de comentario, decorridas sem pedantescas veleidades de «pensador» ou cavacador reinando no meio de côrtes iproseliticas, viessem a terminar, como nas tertulias da estudantada, em certames de declamação—arte para a qual se conglomeravam facilidades empolgantes no saudosissimo Raposo de Oliveira. Era um prazer sumo ouvi-lo recitar os seus versos, os de outros poetas, as tiradas das pegas celebres, os descriptivos dos grandes prosadores, na sua justa expressão—dramatica, lirica, burlesca—com o preciso valor sonico e articular no brado, no murmúrio, na apostrofe, no lamento, na vociferação. Já um dia, na sua mocidade longínqua, esses admiraveis dotes de declamador haviam sido exaltados pela grande Lucinda que os apreciara quando realizava uma tournée pela ilha de S. Miguel. Concordei sempre com tão autorizada opinião. Na verdade, ao ouvir o Raposo, a gente era levada a pensar que o maior brilho da palavra reside na sonorização artistica da fala, perante a qual a forma escrita não passa, por vezes, de surda sonolencia. Talvez em harmonia com este criterio é que o meu inolvidavel camarada se comprouvesse, de onde a onde, em nos dizer os trechos do Pão, da Via Sacra e do Poeta do Só—de entre os seus livros publicados—e os versos que ia compondo na manutenção do fogo sagrado e entre os quais avultavam os sonetos-mestres Natal da Imprensa e Terra do meu orgulho, este motivado pela sua paixão do Oceano. Irmanava-nos tambem o sentimento dessa poesia da Natureza que no turbilhão das ondas assume o seu cantico supremo. Quantas vezes adramos, juntos, sobre os cimos abertos das falésias, a polifonia dramatica do mar? Quantas?

★ ★ ★

Animei esta memoria com o calor vivo de um culto sincero. Foi ele o seu crematorium. E as cinzas ficarão, junto ao nome de Raposo de Oliveira, na minha ternissima lembrança—na urna hermetica da Saudade...

SANTOS VIEIRA

Divida Externa Brasileira

Avisam-se as pessoas interessadas de que as listas de declaração de posse de titulos Brasileiros que tem estado colhendo assinaturas nos escritorios da IPSOFI, R. S. Julião, N.º 144, e que somam já alguns milhões de libras, serão encerradas na proxima Segunda-feira, 12 de Março.

Pede-se ás pessoas que ainda não assinaram estas listas o favor de o fazerem, afim de se dar seguimento aos trabalhos encetados.

BOLSA DE LISBOA

9 de março
CONTADO

VALORES	Efectuado	Compra	Venda
Fundos do Estado			
Consolidado 6 1/2 % 1923	1.113\$00	1.113\$00	1.114\$00
5 1/2 % 1933	1.091\$00	1.090\$00	1.092\$00
4 1/2 % 1933	963\$00	962\$00	964\$00
Externo 3 % 1.ª Serie ..	1.500\$00	1.500\$00	1.505\$00
3 % 2.ª ..	—	—	—
3 % 3.ª ..	—	—	—
Emp. 4 1/2 % 1912	—	—	1.080\$00
6 1/2 % 1928-Madeira	548\$00	547\$00	549\$00
6 1/2 % 1930-Consol	579\$00	579\$00	580\$00
6 3/4 % 1930-Portos	1.064\$00	—	—
6 % 1932	—	—	—
Ações			
Bancos			
Comercial de Lx.ª port	425\$00	—	440\$00
Lisboa & Açores, ..	—	—	332\$00
Portugal, ..	—	1.045\$00	1.060\$00
Espirito Santo	564\$00	564\$00	567\$00
C.ª de Seguros			
Bonança	—	—	—
Fidelidade	—	13.600\$00	—
Mundial	149\$00	148\$00	152\$00
Nacional	—	—	—
Sagres	—	—	—
Tagus	—	—	—
C.ª diversas			
C. P. (ordinarias)	—	120\$00	130\$00
Agua de Lisboa, port..	—	—	445\$00
Cerveja Estrela	—	173\$00	175\$00
Cimentos de Leiria	17\$30	17\$30	17\$50
Credito Predial	266\$00	265\$00	266\$00
Gaz e Electricidade	57\$00	55\$00	58\$00
Navegação	43\$50	43\$50	44\$50
Portugal e Colonias	121\$00	—	—
Portuguesa de Pesca ..	296\$00	295\$00	296\$00
de Tabacos	255\$00	254\$00	256\$00
Tabacos de Portugal ...	565\$00	565\$00	580\$00
Tabaqueira	—	187\$00	—
União Electrica Portug	—	—	—
Coloniais			
Assucar d'Angola	320\$00	315\$00	330\$00
Busi-1.ª Emissao	—	57\$00	58\$00
—2.ª ..	—	29\$50	30\$00
Ilha do Principe	146\$00	145\$00	147\$00
Obrigações			
N. P. 6 o/o	379\$00	379\$00	380\$00
Corte 9 o/o	117\$00	117\$00	117\$50
7 1/2 Trofa	99\$00	98\$50	99\$00
7 1/2 B. Vista 1.ª ..	—	100\$50	102\$00
7 1/2 B. Vista 2.ª ..	—	99\$00	99\$50
Prediacas 6 o/o—1932 1.ª	85\$00	84\$50	85\$00
7 o/o	111\$00	110\$50	111\$00
8 o/o	91\$00	90\$80	91\$20
U. Electrica Port. 7 1/2	130\$00	129\$00	130\$00
Busi 9 o/o	117\$00	116\$50	118\$00

Henrique de Barros Gomes

Corretor oficial da Bolsa de Lisboa
Telef. 25482 Rua S. Julião, 69

CAMBIOS

CHEQUE SOBRE	Compra	Venda
Londres	109\$80	110\$00
Paris	1442,2	1442,6
Madrid	2994	2994,8
New-York	21\$63,2	21\$69,2
Amsterdã	6\$98,2	7\$00,1
Berlim	1\$85,4	1\$85,9
Buenos Aires	5\$03,4	5\$01,8
Bruxelas	14\$54,7	14\$58,7
Genebra	8\$58,1	8\$50,4
Praga	8\$9,7	9\$0
Rio de Janeiro	1\$85,8	1\$86,3
Libra ouro	—	—

Festas da «Mi-carême»

Amanhã realiza-se no Lisboa Gimnasio Club a tradicional festa da «Mi-carême», em que tomam parte a sr.ª D. Ercilia Costa e um grupo de amadores do clube.

Em seguida realiza-se um baile abrilhantado pela orquestra «Lisboa».



Aureliano Dias Gonçalves

2.º tenente da Armada

FALECEU

Ludovina Veloso Gonçalves, Mario Gonçalves Vieira esposa e filha, Maria da Conceição Gonçalves, sua filha e neta, Manuel Veloso e esposa, Antonio Campos Vieira e esposa, Izabel da Anunciação e filho e Maria da Luz Campos e mais familia, cumprem o doloroso dever de participar o falecimento do seu muito querido esposo, tio, filho, genro e sobrinho e que o seu funeral se realiza amanhã pelas 15 horas, do hospital de Marinha, para jazigo municipal no cemiterio oriental.

Fu-Manchu

O maior e mais celebre ilusionista dos tempos modernos

Hoje no Coliseu

Algumas horas em pleno reino das ilusões

Continuam a maravilhar os frequentadores do Coliseu os sensacionais trabalhos de magia do mais celebre ilusionista da actualidade: Fu-Manchu, que tão acertadamente é conhecido pelo título de Doutor Demónio. A maior parte das suas realizações denunciam uma arte perfeitamente diabólica, pois de outra forma se não concebe a sua execução. São enigmas que não ha forma de desvendar. O Deus da Morte do Tibet desconcerta os mais atilados. A desparição do gorila é como que milagrosa. A alfinhira magica de califa de Bagdad enche de estupefacção e de surpresa.

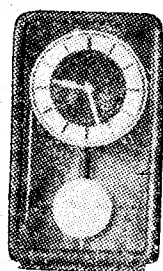
A miala encantada deixa a assistencia atónica, não só porque é inexplicavel, mas também porque é executada no periodo dum rapido segundo, isto é, com uma incrível velocidade. E', sem sombra de contestação, o melhor espectáculo de Lisboa:—o mais belo, o mais deslumbrante, também o mais alegre, através do humorismo simpático de Fu-Manchu. Domingo: «Matinée».

A «Mi-carême» no Estoril

A bellissima festa de amanhã á noite no Casino-Estoril está interessando vivamente a nossa camada elegante. A marcação de mesas, que até ontem de manhã estava muito alta, redobrou até a tarde, sendo de supor que hoje, em todo o dia, tenha atingido quasi toda a lotação do restaurante do Casino. O telefone 251 informa e recebe pedidos.

E' na noite de amanhã que se apresenta o bailarino excentrico John Bux, com a bailarina Paqueta Salvador e a sua orquestra pitoresca. As orquestras do Casino tocam no baile, que promete ser grandioso.

Preços: entrada, 10\$00; ceia, 20\$00; entrada e ceia, 25\$00.



Linda colecção de modelos modernissimos a condizer com as mobílias da actualidade

Acabam de chegar

ao **Torroaes**

O RELOJOEIRO DE CONFIANÇA

119, Rua de Prata, 123 — LISBOA
telefone 24210



Artur Pereira dos Santos FALECEU

Vitoria Bandarra Santos, Cristina Pereira Santos, Laura Lopes, Cristina Fonseca, Maria Clara Costa, Carlos Pereira Santos, Cinda Santos Carmo e Cunha e demais familia cumprem o doloroso dever de comunicar o falecimento do seu querido marido, filho, irmão e cunhado, cujo funeral se realiza amanhã, pelas 14 e 30 horas, da R. Prior Coutinho, 26, 2.º, a St.ª Marta, para o cemiterio Oriental.

MUNDANISMO

ANIVERSARIOS

Fazem amanhã anos as sr.ªs:

D. Maria José Mimoso Guedes Brandão de Melo, D. Ester Allen Pereira de Sequeira Brandão Reis, D. Maria Izabel e Sousa Martins Feio Braga, D. Maria Ana Barbosa Gorjão Henriques, D. Margarida Luz da Gama, D. Maria do Carmo de Azevedo Coutinho Fragoso de Sequeira, D. Maria Izilda de Castelo Branco Pinto Basto, D. Nina Aisberg de Mendonça, e D. Maria José Quaresma.

CASAMENTOS

Realizou-se o casamento da sr.ª D. Aida Cirão Ferreira, com o sr. Nicolau Magalhães e Silva.

Foram testemunhas, por parte do noivo, seus pais, por procuração, e por parte da noiva, também seus pais.

O acto celebrou-se na residencia dos pais da noiva.

A CARIDADE

Realiza-se amanhã de tarde no teatro Nacional Almeida Garrett, um interessante espectáculo coreografico, organizado pela brilhante bailarina Ruth Aswin, com o concurso de varias artistas desse teatro, revertendo parte do produto desta festa a favor das obras de caridade Preventorio de Colares, Casa de Protecção e Amparo de Santo Anonio, e Escolas Catholicas da Freguesia da Lapa, que são patrocinadas pelas sr.ªs D. Ana de Lima Mayer de Carvalho, D. Helena Mauperrin Ferrão de Castelo Branco, D. Joana Folque de Azevedo Souto e D. Maria de Lancastre Van-Zeller, estando a casa quasi tomada pelas principais familias da nossa primeira sociedade, o que nos leva a crer que será ali que a nossa aristocracia dará ponto de reunião.

Chá Mah-Jong

Como era de prever, foi concorridissima, a tarde de terça-feira passada, no salão de mesa do Aviz Hotel, onde se realizou o anunciado «chá Mah-jong» de caridade, organizado por uma comissão de senhoras da nossa primeira sociedade, a favor do fundo da Casa de Protecção e Amparo de Santo Antonio.

Em redor das mesas de «Mah-jong», «Bridge» e «Bluff», recorda-nos ter visto entre outras as sr.ªs:

Senhora Armendoriz del Castillo, condessa da Ponte, condessa de Seisal, condessa de Murça, condessa de Castro Marin, viscondessa de Silveiras, viscondessa de Sacavem, D. Luzia Patrício de Fratel, D. Branca de Atouguia Pinto Basto, D. Maria da Conceição do Casal Ribeiro Ulrich, D. Octavia Guedes Cau da Costa, D. Maria Tereza Valdez Pinto da Cunha, D. Berta Ortigão Ramos, D. Rita Ferrão de Mascarenhas, D. Eugénia Machado Ribeiro Ferreira, D. Alice Pinto Basto, D. Izabel de Melo de Almada e Lancastre, D. Helena Mauperrin Santos Ferrão de Castelo Branco, D. Lea Cohen Zagury e filha, D. Cristina Cordeiro Roquete, D. Camilla de Paiva Raposo, D. Maria Constância de Roma Machado de Paiva Raposo.



Toda a senhora portuguesa elegante

distinta,

lê a FEMINA, a melhor revista portuguesa para senhoras.

Toda a dona de casa economica

com gosto pelo seu lar,

lê a FEMINA, a melhor revista de ménage, que proporciona largas economias ás suas leitoras. Toda a mãe portuguesa lê a FEMINA, que lhe indica os cuidados a ter com os seus filhos para que sejam saudaveis e robustos.

Preço 1\$50

D. Maria Izabel de Orey Corrêa de Sampaio, D. Maria do Carmo Contreiras Machado, D. Maria da Conceição Homem Machado Pizarro de Sampaio e Melo, D. Maria Cordeiro Roquete de Campos Henriques, D. Maria Izabel de Sousa Rego de Campos Henriques, D. Merita Abdarrahm Abecassis, D. Clara Abdarrahm Buzaglio, D. Maria Dargent Pereira Caldas, D. Albertina da Camara Rodrigues Walden Supardo, D. Eliza da Guerra Baerlein, D. Maria José de Barros da Costa Belmarço, D. Ana Maria de Barros da Costa Morais, D. Alice de Sousa Melo, D. Stela Belmarço da Costa, D. Maria do Carmo da Cunha Corrêa de Sampaio, D. Maria Francisca da Camara Pinto Basto, D. Maria Madalena Sotto Maior Basto, D. Ludovina Soares de Albergaria Diniz, D. Palmira Diogo da Silva de Sommer, D. Margarida Pinto Basto de Almeida, D. Carolina de Vasconcelos e Sá, D. Maria Cristina Ribeiro da Silva de Noronha, D. Maria Luiza Ribeiro da Silva Infante da Camara, D. Maria Baltazar Pinto Balsemão, D. Maria Eduarda Quaresma, D. Maria Teresa Vecchi Pinto Coelho, D. Maria Adelaide Leitão Pereira da Cruz, D. Maria Antonio de Melo Mendes da Silva, D. Joana de Castelo Branco Mendes da Silva, D. Catriona de Sousa Rego, D. Maria Vecchi Pinto Coelho de Vilhena, D. Margarida Mendes de Almeida Belo Ramos, D. Alice Sauvinet Bandeira Bastos, D. Maria Margarida Franco dos Santos, D. Maria da Costa de Sousa de Macedo (Estarreja), D. Maria Natália Diogo da Silva dos Reis Torgal, D. Maria Emilia Ozorio (Pronça-a-Velha), etc.

A comissão organizadora deve ter ficado plenamente satisfeita, com os resultados obtidos tanto financeiro, como mundano.

NO AVIZ HOTEL

E' finalmente amanhã á noite que se realiza no salão de mesa do Aviz Hotel, o anunciado «jantar de gala» seguido de baile, em que será festejada a «Mi-carême» nesse aristocratico hotel. Pelo grande numero de mesas marcadas, tudo nos leva a crer que a noite de amanhã, no Aviz Hotel, seja elegantemente concorrida e animada, como succede sempre em todas as festas que ali se realizam.

NA COSTA DO SOL

No Casino Estoril

A «Mi-carême» no Casino Estoril festeja-se amanhã, com um grandioso baile, durante o qual se exhibirão, os notaveis artistas John Bux, que se faz acompanhar pela sua magnifica orquestra «jazz-band», e a bailarina Pepita Salvador, que executarão varios numeros do seu vasto repertorio.

Pelo grande interesse que a noite de amanhã no Casino Estoril, está despertando no nosso meio mundano, é de prever que seja ali um dos pontos de reunião da sociedade elegante de Cascais, Estoril, Sintra e Lisboa.

Francês, inglês ou alemão em 8 lições

Envia-se a 1.ª lição sem obrigação de pagamento a quem a requisitar a Imprensa Lucas. R. Diário de Noticias, 61. Lisboa. Telef. 2 1469.

Supersom Radio

da
Emersom Corp.



A mais perfeita construção. Apresentação inexcelvel. Os preços mais economicos As melhores condições de aquisição

A mais absoluta garantia Ouçam! Examinem! e Confrontem

Em exposição nos agentes gerais para Portugal: Costa e Brito, Limitada, Rua da Conceição, 35, 1.º D.

Restaurante União

R. DO CRUCIFIXO, 112-114
Telefone 28142

Almoços a 6\$00 e 8\$00—Jantares a 1\$00 com vinho

Aceitam-se pensionistas a 240\$00 por mês



DINHEIRO

Só o não tem, quem não quer!

A RENASCENTE

R. do Mundo 117-1.º—1.º tel. 26311

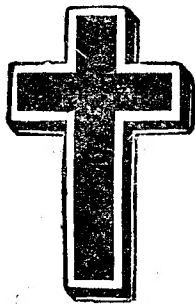
Empresta-se tudo que ofereça garantia e ao juro da lei.—Maxima seriedade e sigilo



Fresca, do Norte. De puro leite de vaca. Sem misturas nem preparos. Não afecta a garganta.

«A Mariazinha»

R. Barros Queiroz, 26 e 28 (Tr. de S. Domingos)



Artur Pereira dos Santos

GUARDA-LIVROS

DA FIRMA

Ayres Ribeiro de Sousa

A firma Ayres Ribeiro de Sousa cumpre o doloroso dever de participar aos seus clientes e amigos o falecimento do seu guarda-livros Senhor Artur Pereira dos Santos e que o seu funeral se realiza amanhã pelas 14 h, da sua residencia Rua Prior Coutinho 26-2.º Esquerdo (a Santa Marta) para o cemiterio Oriental.

E' extraordinario

o lustro que se obtém nos soalhos e móveis com a «Cera Brilhante» à venda em toda a parte. Dep. R. Rosa Araújo, 9. Telef. N. 6278. Recusai as latas sem a cinta de garantia

ESTRANGEIRO**Fatos a prestações**

De 15\$00 por semana, com bons forros e esmerado acabamento, só na Alfaiataria Lanas, Limitada.—Praça D. João da Camara, 4, 1.º (por cima do Café La Gare). Em frente à estação do Rossio

O BRASIL VAI PAGAR**integralmente****os seus compromissos externos**

RIO DE JANEIRO, 9.—Os jornais elogiam a politica do dr. Oswaldo Aranha, no que respeita aos empréstimos exteriores. O Brasil pagará tudo, afirma a Imprensa e acrescenta que o recente acordo com os credores é a melhor prova. A repercussão que teve nos mercados mundiais representa uma grande victoria moral para o país, cujo credito se restabeleceu. O acordo é por um periodo de quatro anos. Em vez de 24 milhões de libras, que teriam de ser expedidas para fora anualmente, só sairá um terço, o que representa um alívio formidável para a economia nacional. Evita-se, assim, um desastre, de que os credores também seriam vítimas irremediavelmente. Os compromissos externos do Brasil ascendem a 230 milhões de libras, 135.500.000 da União e 94.500.000 dos Estados e Municípios. Para fazer face ao serviço de juros e amortizações são necessarias 24 milhões de libras por ano. Ora, a média dos saldos da balança comercial, nos ultimos cinco anos, foi de 12.500.000 libras. E' que, devido à crise mundial, o commercio externo baixou, em 1932, para 31 por cento relativamente a 1928. As exportações são presentemente a unica fonte de ouro de que dispõe o Brasil, e elas desceram, em 1932, para 37 por cento dos numeros respectivos a 1928.

A melhor prova das boas disposições e da conduta honrada do governo—afirmam os jornais—está no facto das vantagens do «funding» de 1931 terem sido inteiramente applicadas no pagamento dos compromissos dos varios Estados, dos empréstimos do café, dos encargos do Banco do Brasil herdados de 1930, etc. Pela referida operação, os compromissos anuais da União baixaram de doze milhões de libras para 6.500.000. A diferença entre esta soma e o saldo do balanço comercial teve integralmente o destino apontado.

As vantagens resultantes do novo acordo destinaram-se a pagar os empréstimos da União, dos Estados e dos Municípios, suspensos ha três anos. O governo de Minas Gerais vai liquidar as suas dividas, de diversas origens. Para isso já dispõe de 165.000 contos, adiantados pelo governo Federal.

O sr. Oswaldo Aranha condena a politica financeira anterior a sua, que levou a União e os Estados a sacar sobre o futuro, sempre incerto. Desde a independência todos os empréstimos feitos a União, aos Estados e aos Municípios deram ao Brasil, em moeda nacional, 10 milhões de contos. Já foram pagos 8.500.000 contos de juros e amortizações, e ainda se devem dez milhões, além dos juros até o completo resgate.—(Americana).

**Tratamento da Beleza**

A beleza na mulher é uma preciosidade tão estimavel que deve ser a todo o transe defendida.

A ciencia, com todo o interesse, muito tem trabalhado nesta especialidade, descobrindo varios tratamentos com o fim de conservar a juventude da mulher.

Tratamento da pele, manchas no rosto, pontos negros, pele ollosa, encarniçada, etc., são defeitos que muito desfeiam o rosto da mulher e que facilmente se eliminam por completo.

Faça V. Ex.º o seu tratamento no Salão de Beleza da Perfumaria da Moda, 5, R. do Carmo, 7, dirigido por uma senhora diplomada pela Academia Scientifique de Beauté, de Paris, de onde acaba de chegar com todos os conhecimentos mais modernos.

Tratamentos das 10 horas ás 10.

Agitação social em Espanha**Valencia ás escuras**

VALENCIA, 9.—Faltou ontem a luz na cidade, devido aos transformadores electricos terem sido destruidos, segundo parece, á bomba. Os serviços dos «electricos» ficaram interrompidos ás 20 horas, ficando alguns destes veiculos parados nas ruas. Os «electricos» dos serviços extra-muros foram abandonados.—(Havas).

Duas bombas em Madrid

MADRID, 9.—Num dos bairros exteriores da cidade rebentaram duas bombas de grande potencia, que destruíram um transformador electrico. Não houve vítimas. A Policia surpreendeu uma reunião clandestina de anarco-sindicalistas e fez 9 prisões.—(Havas).

As greves em Madrid

MADRID, 9.—Começou esta manhã em Madrid, pacificamente, a greve dos operarios da industria metalurgica, que abrange 15.000 homens. Com os 30.000 operarios do ramo da construção civil, que já se encontram em greve, o numero total de grevistas é de 45.000.—(United Press).

Centros politicos fechados

MADRID, 9.—O governo ordenou o encerramento dos centros da Confederação Geral do Trabalho, Comunista, da Organização Fascista e das Juventudes Socialistas.—(Havas).

Descobriu-se uma vacina**contra a «influenza».**

LONDRES, 9.—Os Drs. Laidlaw, Andrawes e Smith fizeram uma descoberta que se diz representar um passo decisivo na luta contra a «influenza». Conseguiram isolar o ultra microscópico microbio causador da doença e inoculá-lo em furões, com o que demonstraram a possibilidade, até ha pouco negada, de o mal se transmitir aos animais e de se obter uma vacina. Os furões, uma vez atacados, ficam ao abrigo de novas invasões da enfermidade.

Os três sabios dizem que são precisos ainda muitos anos de estudo, mas um medico amigo deles declarou que a humanidade pode descansar, porque até 1945—ano para que se prevê uma nova epidemia da «espanhola»—o remédio já estará utilizavel.—(Americana).

Um atentado a tiro**contra um industrial japonês**

TOQUIO, 9.—Informam de Kama-kura que o conhecido industrial japonês Sanji Muto foi atingido por varios tiros de revolver, quando saia de casa, por um individuo que se suicidou em seguida. Muto, que era membro da Camara Baixa, ocupando ao mesmo tempo uma situação de destaque na industria japonesa, parece que estava decidido a tornar publicos certos escandalos que se teriam passado na industria do aço. Um criado que acompanhava Muto, foi atingido por uma bala e teve morte instantanea.—(Havas).

O governo francês procura**resolver a crise do desemprego**

PARIS, 9.—A Comissão de Finanças da Camara dos Deputados ouviu ontem uma exposição de Marquet, ministro do Trabalho, relativa á lei da mão de obra estrangeira. Marquet declarou que tenciona apresentar um projecto a proposito da questão, a fim de resolver diversos problemas que se prendem com a crise de desemprego.—(Havas)

**A situação em Cuba****tem melhorado sensivelmente**

HAVANA, 9.—O presidente Mendieta, desde que tomou conta do seu cargo, tem trabalhado incessantemente no sentido de restabelecer a normalidade na vida economica e social de Cuba.

No espaço duma semana aprovou-se uma série de estatutos constitucionais. Mercê destas medidas, poder-se-á estabelecer um Conselho de Estado, conceder o direito de voto ás mulheres e constituir as bases para a eleição duma Assembleia Constituinte.

Decretou-se uma amnistia para os revolucionarios acusados depois de 12 de agosto. Estabeleceu-se a constitucionalidade do Exército, ratificando-se com este facto as nomeações do coronel Bautista e de todos os novos officiais que serviram com o general Machado.

Estabeleceu-se igualmente uma legislação social para acabar com todos os movimentos grevistas e espera-se que com estas medidas terminem os continuos conflitos operarios que se têm produzido em Cuba, perturbando a vida da nação desde ha alguns meses.

O governo do presidente Mendieta conseguiu que o governo dos Estados Unidos reconhecesse a necessidade de chegar a um novo acordo acerca da exportação de açúcar. O presidente Roosevelt pediu já ao Congresso que adopte as medidas oportunas no sentido de se modificar a cota de importação de açúcar cubano nos Estados Unidos. Igualmente se obteve um tratamento favoravel na importação de bebidas alcoolicas cubanas nos Estados Unidos sem necessidade de conceder vantagens á importação em Cuba dos produtos norte-americanos.

O novo presidente de Cuba, teve ainda a habilidade de captar as simpatias da Imprensa e estabeleceu estreitas relações com os reporteres que trabalham no palacio, que são tratados duma forma que até agora desconheciam, facilitando-se-lhes a sua missão.

Quanto aos problemas economicos, o novo governo procede vagarosa e cautelosamente. Parece que Cuba reconhecerá as dividas estrangeiras, embora solicite uma moratoria para poder cumprir todas as suas obrigações. O governo deseja, antes de mais nada, a consolidação da situação economica e está disposto a adoptar todas as medidas necessarias para isso.—(United Press).

A policia fez prisões

HAVANA, 9.—A policia efectuou um assalto ao edificio onde se encontravam reunidos varios caixeiros viajantes, barbeiros e mulheres empregadas no commercio, fazendo varias prisões. A censura ás estações de T. S. F. vai-se tornando mais severa.—(Havas).

Chuva de diamantes

RIO DE JANEIRO, 9.—No «garimpo» de Monte Carmelo, Minas Gerais, um pobre trabalhador encontrou um diamante que vendeu imediatamente por cem contos de reis. Pouco antes, um pequeno lavrador chamado Joaquim Pereira encontrara outro diamante, por sinal belissimo, que vendeu logo por 55 contos. Do referido «garimpo», onde trabalham trezentas pessoas, atraídas pela fama das ultimas descobertas, saíram, durante o mês passado, algumas dezenas de belos diamantes, um dos quais, de doze quilates, rendeu ao ex-soldado José Braga 50 contos.—(Americana).

PETROLE**HAHN**

CONTRA A QUEDA
DO CABELO E
A CASPA

Deposito: Rua d'Assunção, 88—LISBOA

A espionagem na Hungria**Descobriu-se uma vasta organização**

BUDAPEST, 9.—Descobriu-se ha dias uma vasta organização de espionagem. Fizeram-se numerosas prisões. O caso chegou á Camara. O deputado Kosodi Katona declarou que essa actividade secreta era desenvolvida por agentes jugo-eslavos. «Trata-se duma manifestação de hostilidade—disse—que representa um perigo permanente para a paz europeia».

O mesmo parlamentar disse que os incidentes na fronteira hungara-jugo-eslava são cada vez mais frequentes e revelam uma sistemática crueldade da parte da Jugo-Eslavia. Acrescentou que o governo devia ter deixado em suspenso a sua aprovação á nomeação do novo ministro jugo-eslavo em Budapest.—(Americana).

Descobriu-se no Transvaal**um grande jazigo aurifero**

JOHANNESBURGO, 9.—Causou grande sensação nesta cidade o facto de ter sido descoberto ao sul do Transvaal um novo extenso campo aurifero, que segundo as afirmações dos tecnicos se compara em extensão e riqueza com as grandes e importantes minas do Rand.

Importantes capitalistas estão a organizar um poderoso sindicato, a fim de começar em breve a exploração deste novo jazigo de ouro. Nos centros mineiros afirma-se que o preço do precioso metal baixará sensivelmente, logo que comece a sua exploração.

A ultima descoberta importante de jazigos de ouro, na Africa do Sul, registou-se em outubro de 1932, quando se localizou em Witwatersrand um importante campo aurifero, que tinha trinta milhas de extensão.—(United Press).

O oleo de jacaré substitui**o de baleia**

RIO DE JANEIRO, 9.—Comunicam de Belem que vai construir-se ali uma fabrica de oleo de jacaré, que substituirá o de baleia. O produto será utilizado nas fabricas de fição. Prover-se-á á exterminação dos antibios que abundam na ilha de Marajó e noutras zonas. A iniciativa é do conde Penteado.—(Americana).

Eleições municipais em Londres

LONDRES, 9.—As eleições do Conselho Municipal de Londres foram ganhas por larga maioria pelos candidatos trabalhistas. Os resultados até agora são os seguintes: trabalhistas, 33 lugares, sendo 27 dos reformistas e 6 dos liberaes. A posição dos partidos, dada pelas eleições, é presentemente a seguinte: reformistas, 47 (eram 83); trabalhistas, 65 (eram 35); liberaes, 0 (eram 6).—(Havas).

POLICLINICA DO ROCIO

L. D. João da Camara, 19—(Ao Rocio)

Telef. 2 0660.

DR. A. PINA JUNIOR—Clinica geral e das crianças—14 h.

DR. CANCELA DE ABREU—Medicina geral, doenças nervosas—17 h.

DR. CORDEIRO BLANCO—Doenças dos olhos—11,30.

DR. CORDEIRO LOBATO—Garganta, nariz e ouvidos—14 h.

DR. F. MARTINS PEREIRA—Medicina geral, coração e pulmões—15,30 h.

DR. GONÇALVES VITERBO—Doenças de boca e dentes, das 8 1/2 ás 10 h.

DR. JORGE FALCÃO—Pele e sífilis—15 h.

DR. JOSE PAREDES—Cirurgia geral, operações—16 horas.

DR. OLIVEIRA MARTINS—Doenças das senhoras-gravidez, ás 15.

DR. REGO CORDEIRO—Rins e vias urinaes—A's 11 h.

DR. GENTIL BRANCO— Raios X.

DR. REIS VALLE—Analyses clinicas.

Diathermia, ultra-violeta, infra-vermelhos, galvanisação, maçagem e gymnastica medica.

DR. LEITE DUARTE

Assistente dos Hospitais
Doenças da pele e sífilis
Participa aos seus ex.^{mos} clien-
tes que mudou o seu consultório
para a
Avenida da Liberdade, 85, s/l
Telefone 2 3753

ULTIMAS NOTICIAS**HOTEL MIRAMAR**

MONTE ESTORIL
Hotel Costa. — CINTRA

Churchill não acredita

no desarmamento

e pretende uma Inglaterra forte

LONDRES, 9.—No debate que ontem se realizou na Camara dos Comuns acerca do orçamento do ministerio da Aeronautica, e durante o qual varios oradores reconheceram como insufficiente o aumento de 135.000 libras atribuido ao novo orçamento aereo, Winston Churchill declarou que a Gran-Bretanha «tinha forçosamente de cuidar da sua segurança. No passado, acrescentou, a Inglaterra viu que o mar devia ser o seu mais forte ponto de apoio e tornou-se forte. E' necessario, pois, que use da mesma energia no que respeita ao ar».

Referindo-se á recente viagem de Eden ás capitais da Europa, a fim de discutir as possibilidades de desarmamento de acordo com o ultimo «memorandum» britânico, o orador disse que a viagem do Lord de Justiça Privada, «se não podia considerar-se ainda um malôgro, não trouxera ainda também quaisquer resultados de indole pratica».

Churchill declarou que ainda não perdera por completo a esperança de ver assinada uma convenção sobre o desarmamento, «segundo as bases das propostas inglesas, isto é, sobretudo a igualdade das forças aereas. Mas supondo que uma convenção nesse genero não poderá obter-se, o governo propôr uma convenção aerea entre os Estados da Europa ocidental, a fim de salvar a civilização europeia. Mas se todos os nossos esforços se malograrem, a Inglaterra não poderá permanecer numa posição de inferioridade perante nenhum país do mundo».

— (Havas).

O escandalo Stavisky

Uma nova prisão

BAIONA, 9.—Foi ontem preso em Chambery o individuo que acompanhava Stavisky na sua fuga, de nome Voix. Este individuo, que já fora preso por ter occultado o celebre burlão e restituído á liberdade depois de ter cumprido uma ligeira pena, voltou agora a ser preso por cumplicidade numa burla. Sabe-se agora que o juiz d'Uhalt escreveu em 28 de fevereiro ao procurador da Republica pedindo-lhe que avisasse Dalimier ex-ministro do Trabalho, e Julien Durand, ex-ministro do Comercio, para virem a Baiona o primeiro em 9 de março e o segundo em 14, a fim de deporem como testemunhas no processo Stavisky.

Como o primeiro não se tivesse apresentado hoje á hora fixada, o juiz telegrafou já ao Tribunal do Sena confirmando aquela carta e perguntando se a intimação se fez, pois caso contrario, o juiz tencionaria enviar uma deprecada telegrafica ao decano dos juizes de instrução para que convidasse os dois ex-ministros a apresentarem-se urgentemente em Baiona.— (Havas)

Um monstro humano

TEHERAN, 9.—Foi preso nesta cidade um criminoso que matou por sadismo nada menos de 33 pessoas.— (Havas).

Cigarros sem nicotina

PATENTE a unica marca que se encontra á venda neste mercado inofensivas para a saude. Invento do Il.^{mo} Sr. Dr. Gerold Professor da Universidade Alemã e recomendados por muitos outros medicos que permitem o seu uso a doentes e mesmo em Sanatorios. Vendem-se na Tabacaria Rossio, L.^a — R. Ouro, 295.

SY-GO

Um produto de confiança!
Evita todas as
doenças venereas

O PORTUGAL-ESPANHA**OS JOGADORES PORTUGUESES**

estão dispostos a fazer boa figura

mas os espanhóis não acreditam...

(Do nosso enviado especial)

MADRID, 9 (Pelo telefone).—Os jogadores portugueses foram recebidos ontem á noite na gare das Delicias por dirigentes do «foot-ball» espanhol, e algum publico, relativamente pouco em relação ás recepções que costumamos fazer em Lisboa aos jogadores espanhóis. O jornal «Ahora» salienta este facto.

A viagem de Lisboa a Madrid decorreu agradavelmente, embora com pessimo tempo. O compartimento dos rapazes do Porto era o mais alegre, salientando-se Soares dos Reis, o guarda-redes, que tem uma boa disposição que a todos se comunica.

Augusto Silva, que é o capitão da «equipe» portuguesa, e o mais viajado dos nossos jogadores—manteve-se sempre melancolico, nada o interessando.

Esta manhã levantaram-se todos cedo, e como a maior parte não conhece Madrid, desappareceram logo do Hotel Majestic e espalharam-se pela cidade. Augusto Silva, porém, só ás 11 saiu do seu quarto. Dir-se-á que lhe faz falta um companheiro do Belenenses. Amaro não saiu do hotel, por mais que o desafiassem. E só depois se soube: ficou a escrever uma carta... Esta revelação trouxe-nos á memoria o saudoso Pepe, que tinha a mesma mania affectiva.

O almoço foi cedo, logo depois do meio dia. O sr. Raul Vieira, presidente da Federação, fez uma allocução solene aos jogadores, lembrando a responsabilidade que sobre eles pesa, e dizendo confiar em que eles honram Portugal. Aconselhou-os a manterem a mesma moral com que saíram de Lisboa, e a seguirem rigorosamente as instruções do seleccionador.

A expectativa em Madrid

Em Madrid confia-se abertamente na victoria de Espanha. Ninguém tem duvida alguma. «El Liberal» porém recomenda «cuidado», e lembra Aljubarrota, assinalando que é preciso tomar a sério este jogo. «Luz», admitindo forçadamente a hipotese de o jogo não se realizar por motivo das questões sociais faz um relato formal do jogo, como se se tivesse realizado, e dá a Espanha vencedora por 4-1. O interesse publico é, porém, enorme, como nunca aqui em Portugal-Espanha, talvez porque se trata da eliminatória do campeonato do mundo. Os espanhóis temem, porém, o jogo em Lisboa, do domingo, seguinte, dia 13.

A procura de bilhetes foi tal esta manhã que a policia teve de mandar fechar as bilheteiras, pois foram constantes os conflitos.

A opinião dos jogadores

Augusto Silva, com quem acabo de falar, antes do treino de piso, em Chamartin, disse-me que a força de vontade é meio jogo, e que pela sua equipe conta que Portugal não sairá humilhado do campo. Acha o terreno bom, pois a relva não é alta, e, assim, quasi se anula a vantagem espanhola. O treino foi de menos de meia hora, em dois periodos. Mantem-se a constituição da nossa jinha, e só não se sabe ainda se jogará, no lugar de medio, Gaspar Pinto, de Lisboa, ou Carlos Pereira, do Porto.

Falei pelo telefone, para o Ecurial, onde estão em estagio os jogadores espanhóis, com Zamora e com o arbitro Pedro Escartin. Um e outro não se mostraram tão confiados como o publico, mas não estão pessimistas. «E' preciso, contudo, muito cuidado». Este «contudo» é que dá a nota da sua previsão intima.

A Federação Portuguesa foi recebi-

da no palacio da embaixada pelo sr. Melo Barreto, a quem agradeceu as boas vindas que lhe deu.

Foi resolvido que os portugueses, em Madrid, envergarem camisola verde, e os espanhóis vermelha. Em Lisboa os portugueses vestirão camisola vermelha e os espanhóis azul.

O arbitro para o segundo jogo, em Lisboa, será ou o sr. Melcon ou o sr. Escartin, ambos conhecidos e amigos dos portugueses. Foi convidado para tirar á sorte qual dos dois será o arbitro.

Já têm chegado muitos portugueses, e esperam-se comboios especiais.

Ficou constituída a linha espanhola

MADRID, 9.—A linha espanhola que no domingo, ás 15 e 30, joga contra Portugal para a 1.^a eliminatória do campeonato do mundo ficou hoje definitivamente constituída, como segue:

Zamora, Zabalo e Quincoces; Cilaurén, Marculeta e Fede; Ventobra, Luiz Regueiro, Langara, Chacho e Gorostiza. Suplentes: Eizaguirre, Goyenche, Pedro Regueiro e Campanal.

O arbitro Van Praag chega amanhã.

O jogador interior esquerdo, Chacho, da Corunha, que entra para a linha avançada por efeito de Iraragorri estar lesionado, é um temível «shootador», que marcou 6 «goals», no encontro Espanha-Bulgaria. Luiz Regueiro, que passa ao seu lugar de interior-direito, é um dos temíveis avançados espanhóis, que lança como ninguém os avançados-centro, neste caso Langara, o melhor de Espanha.

Na linha de defesa, o grande Ciriaco, doente também, foi substituído por outro não menos certo e violento, Zabalo.

TAVARES DA SILVA**Sanjurjo não fugiu****O governo espanhol desmente o boato duma conspiração**

MADRID, 9.— (Pelo telefone).—Reuniu-se hoje o Conselho de ministros. O ministro do Interior informou que reina a ordem em toda a Espanha, apesar de haver alguns conflitos sociais, limitados a determinadas zonas.

A saída, o sr. Lerroux negou, terminantemente, o boato que circulou de que o Partido Socialista vai ser posto fora da lei. Acrescentou que a «Lei de Ordem Publica», de que o governo pode fazer uso, torna desnecessaria a adopção doutras providencias.

O director de Segurança declarou que o encerramento dalguns centros operarios se fez com o fim de evitar alterações da ordem, e que, pelo mesmo motivo, vão ser suprimidas as publicações extremistas. Desmentiu o boato duma revolução—que classificou de «fantástico»,—acrescentando que «uma revolução não se faz só com pistolas». Desmentiu também o boato da fuga de Sanjurjo e declarou que não se fizeram quaisquer prisões como constou.— (U. P.)

A situação austriaca

na opinião do «Times».

LONDRES, 9.—Referindo-se á situação austriaca, o «Times» declara que é urgente e absolutamente necessario que os governos alemão e austriaco entrem num caminho normal de discussões, cessando as disputas estereis. O mesmo jornal aconselha Hitler a proibir as conferencias anti-austriacas feitas pela radiofonia. A proposito dos negocios internos da Austria, o «Times» presta homenagem aos esforços de Dollfuss para seguir uma politica de conciliação, «se bem que sejam a maioria das vezes incompreendidos e não obtenham nunca uma resposta franca e leal».— (Havas).

Um sapateiro agrediu

á facada

a mulher com quem vivia

Na rua de S. Sebastião da Pedreira, deu-se esta manhã uma cena de sangue, em que a doença, a miséria e a maldade se confundiram, num conluio fatal e doloroso.

Num rez-do-chão onde habitam, além da locataria, dois casais, cada um com seu filhinho, viviam deste antem ao fim do dia. Um antigo sapateiro—Agostinho Pereira da Silva, de 46 anos—a sua companheira Carlota da Silva, de 42 anos, e um filho desta, de 9 anos.

O Silva trouxera a Carlota, ha catorze anos, do Porto, e com ela arrastara a sua vida, por vãos de escada, por quartos alugados, por varios locais onde podia exercer a sua actividade, em condições acessíveis aos seus poucos recursos.

Ha um ano, porém, o sapateiro não trabalhava, não só porque a freguesia lhe escasseava, mas porque uma terrível doença o impossibilitava disso.

Saiu para a rua a pedir. Mas, logo no primeiro dia, foi para a Mitra. Dali, como a avariosa reclamava tratamento immediato, transportaram-no para o hospital. E a Carlota, tendo de sustentar o filho, nem por isso ia deixando de contribuir com quanto podia para assistir, na doença, ao seu companheiro.

Saído do hospital, o Silva começou a enfrascar-se em aguardente, dizendo que só assim conseguia minorar o seu sofrimento. A Carlota aconselhava-o a tratar-se, dizendo-lhe que o ajudaria na medida do possível.

Ante-ontem á noite, como dissemos, os dois e a criança apresentaram-se na casa da rua de S. Sebastião da Pedreira, pagando um mês de aluguel do pequeno quarto, onde instalaram uma enxerga para os três.

Esta manhã, muito cedo, o Silva saiu, voltando com uma garrafa cheia de petroleo, apesar de não haver no quarto qualquer candeeiro que tornasse necessario esse combustível. Em seguida, entregou três escudos á criança e disse-lhe:

— Vá a casa do nosso compadre, á rua do Benfornoso, e deixa-te ficar por lá...

O pequeno partiu, e, imediatamente, o sapateiro fechou a porta, guardando a chave na algibeira; agarrou na garrafa, despejando parte do petroleo em cima da pequena trouxa de roupa da Carlota; depois avançou para esta, no proposito de a agredir com a referida garrafa. A pobre mulher gritou. A locataria e as outras hospedas tentaram acudir-lhe, mas não puderam porque a porta estava fechada á chave. Gritaram-lhe:

— Abra a janela e fuja!

A Carlota quis fazê-lo; mas nesse momento, o sapateiro precipitou-se sobre ela com uma faca e vibrou-lhe varios golpes no rosto.

Entretanto, a locataria conseguiu arrombar a porta, e socorreu a Carlota, que foi transportada ao hospital de S. José, onde a pensaram de dois grandes golpes no rosto, perto dos olhos.

O criminoso saiu. Mas, como começasse a apparecer vizinhança, sentou-se no passeio, sendo pouco depois preso.

O Agostinho declarou que queria tirar os olhos á Carlota. E, quando lhe perguntaram o que se havia de fazer ao pequeno da sua companheira, limitou-se a dizer:

— Mandem-no para a Mitra.

Noticias da folha oficial

A folha oficial publicou, em suplemento, o decreto que exonera da «gerencia dos negocios dos ministerios dos Estrangeiros e das Colonias», os srs. comandantes Anibal de Mesquita Guimarães e dr. Manuel Rodrigues, que interinamente exerceram aqueles cargos.